

Valter Barros dos Santos Filho

**O ENCONTRO INTER-HUMANO:
UM ESTUDO SOBRE O LIVRO *EU E TU* DE MARTIN BUBER**

Dissertação de Mestrado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Delmar Cardoso

Belo Horizonte
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2019

Valter Barros dos Santos Filho

O ENCONTRO INTER-HUMANO:

UM ESTUDO SOBRE O LIVRO *EU E TU* DE MARTIN BUBER.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: Ética.

Orientador: Prof. Dr. Delmar Cardoso


Belo Horizonte
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

S237e	Santos Filho, Valter Barros dos O encontro inter-humano: um estudo sobre o livro <i>Eu e Tu</i> de Martin Buber / Valter Barros dos Santos Filho. - Belo Horizonte, 2019. 68 p. Orientador: Prof. Dr. Delmar Cardoso Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Filosofia. 1. Ética. 2. Ontologia. 3. Buber, Martin. I. Cardoso, Delmar. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Filosofia. III. Título
	CDU 17

Dissertação de **Valter Barros dos Santos Filho** defendida e aprovada, com a nota 9,5
(nove e meio) atribuída pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores:



Prof. Dr. Delmar Cardoso / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. João Augusto A. A. Mac Dowell / FAJE

Prof. Dr. Bortolo Valle / PUC Paraná (Visitante)
(Visitante, participou por videoconferência)

Departamento de Filosofia – Pós-Graduação (Mestrado)

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte, 09 de agosto de 2019.

AGRADECIMENTOS

Expresso aqui meus agradecimentos a todos aqueles que durante esse percurso foram expressão do feminino em minha vida. Foram tantos os rostos que trouxeram em suas marcas a delicadeza do cuidado, a preocupação com a cura e o desejo de engajamento.

Muitos são aqueles com os quais contraí algum tipo de dívida durante esse percurso, e muitos foram os que ficaram pela estrada a olhar para o caminho.

Todos estamos encerrados nessa viagem que se chama Vida e por ela fazemos algumas escolhas. Diante disso, fiz algumas escolhas de agradecimentos especiais, pois se não fossem essas presenças, meus olhos continuariam negros.

Agradeço à Andrea Cristina Ulisses de Jesus, companheira de eterno dialogar e pessoa vinculada às duas existências. Verdadeiramente, fonte de eterna companhia. Soube oferecer-me paz em momentos de desespero.

Agradeço à Helenice Silene de Oliveira Silva, primeiramente por sua verdade, por aquilo que nunca lhe faltou: ser quem é. Expressão da diversidade e inclusão, como também porto seguro para aqueles que a compreendem e afirmam na sua identidade.

Um agradecimento de coração ao rapaz que considero como filho, irmão, amigo: Márden de Pádua Ribeiro. Espaço de descoberta, de escuta e companheirismo e aquele que, como diria Buber, foi capaz de sujar-se um pouco no atoleiro da vida. Preso eu estava e este eterno rapaz foi uma mão.

Agradeço à minha eterna possibilidade de diálogo, Neusa Vendramim Volpe. Em primeiro lugar, por fazer-me resgatar o olhar para o amor que é Um. E depois, por ser expressão da Grande Mãe neste mundo marcado pelas suas contrariedades. Eu sou a contrariedade em mim mesmo, mas Neusa Volpe é aquela luz que preenche o meu olhar. Diante do descaminho, ela foi o que Buber também foi: um apontar. É a expressão do divino Amado nesta existência.

Agradeço a Rodrigo Moterani Marra. Possibilidade e confronto de alteridades. Espaço de comunicação entre vários eus e o contínuo trilhar de aprendizado.

Por fim, agradeço de coração a Daniela Silva de Oliveira. Expressão do totalmente outro e espaço de ajuda que me faz ser, aos poucos, um totalmente eu. Sua possibilidade de escuta foi o momento de confronto com o Tu de todos os seres e o encontro com o Tu eterno. Gratidão por tudo.

Também agradeço a todos os outros seres que compõem e compuseram a minha jornada e se encontram presentificados nesse trabalho.

Tua Luz dourada desceu em meu cérebro,
E os cinzentos recintos da mente tocados pelo
sol tornaram-se respostas reluzentes ao plano
oculta da Sabedoria.

Uma calma iluminação e uma chama.

Tua Luz dourada desceu em minha garganta,
E toda a minha fala é agora divina melodia,
Um hino de Ti, minha nota única;
Ébrias com o vinho do imortal estão minhas
palavras.

A Tua Luz dourada desceu em meu coração e
fez a minha vida enamorar-se de Tua
eternidade;
Ele agora se fez um templo onde Tu estás
E todas as suas paixões apontam somente para
Ti.

Tua Luz dourada desceu sobre os meus pés;
Minha terra é agora o Teu campo de jogo e o
Teu assento. (Sri Aurobindo)

União ... é o jardim do Paraíso
Separação ... é o sofrimento do Inferno
O amor permanente no universo
Sempre permanece coberto
E torna nu aquele que está coberto
Este é o ponto sutil. (Rumi)

Andarei perante a face do SENHOR, na terra
dos viventes

אתהלך לפני יהוה בארצות החיים (Bíblia hebraica)

RESUMO

Esta dissertação procura evidenciar como o encontro inter-humano é apresentado no livro *Eu e Tu*, de Martin Buber. Explicitar o encontro inter-humano é adentrar na ontologia vivencial da relação dinamizada pelos modos de acesso do homem ao mundo: pela palavra-primordial Eu-Tu ou pela palavra-primordial Eu-Isso. Num primeiro momento, a partir da ontologia da relação Eu-Tu e Eu-Isso pode surgir a responsabilidade, a presentificação, a totalidade, o encontro, como também, a coisificação; pois as duas palavras-primordiais indicam atitudes que se manifestam no relacionamento do homem com todo e qualquer ser. A palavra-primordial Eu-Tu dá fundamento ao mundo da relação. Nele o homem participa como pessoa e se apresenta diante do outro como presença e singularidade. O mundo da objetividade é fundamentado pela palavra-primordial Eu-Isso, que estabelece a separação e a distância. Nele o homem participa como um experimentador ou um objetivador que disseca os objetos e os seres. Num segundo momento, tem-se a compreensão de que esses modos de relações apontam para a relação com o Tu eterno, o tu que por essência não pode tornar-se um Isso. O Tu eterno é aquele com o qual o homem pode estabelecer uma relação interpessoal. Dessa relação com o Tu eterno emerge um homem para fora, para a relação com os outros, que se constituirá em um caminho onde as relações são possibilidades de olhar para a relação completa. Por fim, num terceiro momento, o homem é levado a encarar o mundo do Isso como o mundo no qual ele há de viver, num mundo em que é cômodo viver, em que todos os possíveis momentos de vivência da relação Eu-Tu perdem sua significação. Essa perda de significação se dá pelo progressivo aumento do mundo do Isso e pela grande melancolia que o homem vive, já que ele é continuamente solicitado a atualizar face ao mundo uma das duas atitudes em seus estados de latência e atualidade. Elucidar as categorias que fundamentam o pensamento de Martin Buber é trilhar um caminho que aponta para a nostalgia do sentido humano de existir, é destacar as esferas de essencialidades humanas e projetar um constituir-se no mundo com os outros, por meio do encontro inter-humano. Assim, é fazer com que seu pensamento se transforme em mensagem para o humano.

PALAVRAS-CHAVE: Inter-humano. Martin Buber. Tu eterno. Relação. Encontro.

ABSTRACT

This dissertation seeks to highlight how the inter-human encounter is presented in Martin Buber's book *I and Thou*. To make explicit the inter-human encounter is to enter into the experiential ontology of the relationship dynamized by man's modes of access to the world: by the primordial word I-Thou or the primordial word I-this. In the first instance, from the ontology of the I-Thou and I-This relationship there can be; responsibility, presentiment, totality, encounter, as well as objectification can arise; because the two primordial words indicate attitudes that are manifested in the relationship of man with each and every being. The primordial I-Thou gives foundation to the world of relationships. In it, the man participates as a person and presents itself before the other as presence and uniqueness. The world of objectivity is founded by the primordial "I-This" which establishes separation and distance. In it the man participates as an experimenter or an objectifier who dissects objects and beings. In a second moment, one has the understanding that these modes of relations point to the relation with the eternal I, the one that by essence cannot become a That. The eternal I is the one with whom a man can establish an interpersonal relationship. From this relationship with the eternal I emerges an outwardly man, facing towards the relationship with others, which will constitute a path in which relationships are possibilities of looking at the complete relation. Finally, in a third moment, the man is led to face the world of I- This as the world in which he will live in, a world in which it is comfortable to live, in which all possible moments of experiencing the I-Thou relationship lose their meaning. This loss of meaning is due to the progressive increase of the world of I-This and the great melancholy that the man lives in, since he is continually asked to update to the world one of its two attitudes; the states of latency and actuality. To elucidate the categories that underlie Martin Buber's thought is to trace a path that points to the nostalgia of the human sense of being, it is to highlight the spheres of human essentiality and to project one to constitute oneself in the world with others through the inter- human, thus making his thoughts and ideas a message to mankind.

KEY WORDS: Inter-human. Martin Buber. Eternal You. Relationship. Meeting

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..	8
1 ONTOLOGIA EXISTENCIAL	12
1.1 As categorias	12
1.1.1 O mundo do Isso	14
1.1.2 O mundo da relação	16
1.1.3 O Tu	19
1.1.4 O amor	21
1.1.5 A grande melancolia.	22
1.2 O <i>a priori</i> da relação: o Tu inato.	23
1.2.1 No mundo primitivo	24
1.2.2 No desenvolvimento da criança.	27
1.3 O Eu	28
1.4 O mundo	29
2 O TU ETERNO.	32
2.1 O encontro supremo	33
2.2 A relação absoluta	36
2.3 O eterno centro	39
3 O PROGRESSIVO CRESCIMENTO DO MUNDO DO ISSO	46
3.1 O dinamismo da vida espiritual	48
3.2 O aprimoramento da função de experimentar e utilizar na modernidade...	51
3.2.1 O estado e a economia.	53
3.3 Causalidade, destino e liberdade.	54
3.4 Fatalidade e arbitrariedade.	58
3.5 O Eu do mundo	61
CONCLUSÃO.	64

INTRODUÇÃO

O presente trabalho ampara-se na premissa de mostrar como o encontro inter-humano é apresentado no livro *Eu e Tu*, de Martin Buber. Nele, Buber propõe uma ontologia vivencial da relação que se torna fundamento para o encontro inter-humano, o qual, por sua vez, suscita no homem contemporâneo uma reflexão maior para as questões de sua existência.

O pensamento buberiano é atual pela força que suas reflexões propiciam e, ao mesmo tempo, por ser um pensamento preocupado diretamente com a realidade concreta, com a experiência de vida¹. Não se está falando de uma vida abstrata, como se fosse um fora da realidade ou uma superestrutura. Fala-se para a existência atual do homem em seu instante neste mundo.

Há no pensamento de Buber uma sensação de nostalgia do humano que provoca questionamento quanto ao devir, suposições quanto à essência da humanidade e projeções de sua constituição no mundo com os outros estabelecido por meio das relações. Assim, seu pensamento se transforma em mensagem para o humano.

Em suas obras, Buber expressa a sua preocupação ante a experiência que o homem faz de si e do outro para o aperfeiçoamento da relação que se dá pela dialogicidade do momento constituído. Essa preocupação direciona para um caminho no qual o homem se coloca diante da responsabilidade, pela construção de um mundo que esteja em correspondência com este sentido humano, a tal ponto que se transforme em uma realidade humana.

Martin Buber nasceu em Viena a 8 de fevereiro de 1878 e faleceu em Jerusalém a 13 de junho de 1965. Profundo conhecedor da tradição judaica, se dedicou a estudar a Bíblia, o Judaísmo e o Hassidismo. Estudou Filosofia e Arte em Viena, posteriormente tornando-se doutor em Filosofia em Berlim, onde também lecionou História das Religiões e Ética Judaica. Suas obras têm influenciado várias ciências humanas tais como: a Filosofia da Existência, a Sociologia, a Psicologia, a Educação e a Psiquiatria².

Para o desenvolvimento deste estudo se assume como obra principal apenas o livro *Eu e Tu*. Suas demais obras, como também, os trabalhos que surgiram subsequentemente como forma explicativa de seu pensamento, foram utilizadas apenas para uma melhor precisão do contexto do autor em questão e da tradição à qual ele se vincula. Em *Eu e Tu*, Buber evidencia a dimensão dialógica da existência, em que o homem encontra Deus através do mundo e o mundo através de Deus; ele encontra a si mesmo através de Deus e do mundo.

¹ VON ZUBEN, Newton Aquiles. Introdução. In: BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001. p.7.

² *Idem*. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. São Paulo: EDUSC, 2003. p.9-20 (Coleção Filosofia e política)

Assim, no primeiro capítulo é apresentada a ontologia da relação Eu-Tu e Eu-Isso como diferentes modos que subsidiam o processo da relação, do qual pode surgir a responsabilidade, a presentificação, a totalidade, o encontro, como também, a coisificação. Estabelece-se como pano de fundo verificar e elucidar as categorias que Buber apresenta e que se tornarão o sustentáculo para a compreensão dos outros capítulos.

Segundo Buber, a possibilidade de entrada do homem em relação com o mundo pode dar-se como um Tu ou como um Isso. As duas atitudes se manifestam no relacionamento do homem com todo e qualquer ser. O Eu por sua vez é aquele que intencionalmente aponta uma atitude do homem e a realização dessa no momento vivido, desvelando o ser. A aceitação imediata do Tu é caracterizada por uma atitude específica da relação Eu-Tu, no tornar o outro uma presença que determina o Eu da palavra-primordial Eu-Tu como um Eu diferente da atitude compreendida na palavra-primordial Eu-Isso.

A relação dialógica fundamentada na presença e na aceitação dá-se por uma ação recíproca, ou seja, na mutualidade do face-a-face. Os momentos dialógicos da relação Eu-Tu, diz Buber, nos são dados por graça. O momento do Tu é o acontecimento do encontro verdadeiro, de pessoas enquanto pessoas³. Isto se dá pela relação Eu-Tu, caracterização do mundo da relação, que instaura uma participação pessoal, onde o homem se apresenta diante do outro como presença e singularidade.

Conscientes de que, em nossa época atual, pela experiência que passamos, estamos vivenciando normalmente *no* e *com o* mundo do Isso. A palavra-primordial Eu-Isso se torna fundamento do modo objetivo de o homem conectar-se com o mundo, onde o Eu apresenta-se fechado, já que necessita de segurança e certeza, envolvendo o controle da situação ou do objeto observado. O homem é levado a encarar o mundo do Isso como o mundo no qual ele há de viver, num mundo em que é cômodo viver, em que todos os possíveis momentos de vivência da relação Eu-Tu perdem sua significação.

No segundo capítulo é apresentada a relação com o Tu eterno, o totalmente outro. Esse Tu eterno é aquele com o qual o homem pode estabelecer uma relação interpessoal. Essa caracterização emana da influência do hassidismo, movimento místico-judáico, na constituição do pensamento religioso de Martin Buber.

Desta relação com o Tu eterno projeta-se um homem constituindo sua existência autêntica, ou seja, um homem que assume o labor de encontrar o outro através da realidade da relação. Ao estar em relação com Deus, o homem sabe que não pode estabelecê-la como

³ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Trad. do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001a. p.59.

negação do mundo, como se, ao nadificar a si e o mundo, ele pudesse se tornar apenas espírito, mas que através deste mundo criado ele pode ir até Deus.

Surge desta relação com o Tu eterno um homem “para-fora”, no qual todas as transformações se constituirão por um caminho onde as relações sejam possibilidade de um olhar sobre a relação completa – de totalidade a Totalidade. É aqui que se percebe um homem em sua totalidade atuante, e que se prepara para o encontro supremo. Esta relação se torna atualidade que permite a exclusividade e a inclusividade absolutas na natureza e na história. É o encontro com o Tu que já é presença, um “Deus que é totalmente outro, totalmente mesmo e totalmente presença”⁴ e que se manifesta como presença realmente inserida nas circunstâncias da vida humana.

Todos os momentos de relação Eu-Tu tornam-se reflexo da relação com o Tu eterno. Desta relação o homem se vê como um poder gerador e transformador, do qual ele é o impulsionador de realização. Esta relação é um dos possíveis caminhos para a existência do homem, sendo vista como redenção do mundo, na qual ser “ser humano” signifique engajamento⁵. Engajamento e responsabilidade se traduzem como “amor-ao-outro”, no qual o homem se lança diante do mistério que é sua vida e diante de um outro Mistério, que é o Tu eterno.

Por fim, no terceiro capítulo, adentra-se nos espaços do inter-humano e suas esferas de dialogicidade. Essa compreensão do inter-humano acontece a partir daquilo que pode se pensar ser sua negação: o progressivo crescimento do mundo do Isso. Ele não é algo ruim, somente não é o ponto de estagnação da vida humana. Nele, frisa-se somente o Eu que, em nível econômico, político e filosófico, se destaca como elemento individual; sem importar-se com a comunidade humana.

O homem apresenta-se com que realçado entre os demais seres da natureza, destaca-se como um ser voltado não apenas para a contemplação, mas para uma existência relacionada que não tem seu fundamento senão nele mesmo. Ele não vê a si nem aos outros, o que ele vê é uma fantasia que cotidianamente o amedronta.

Quando torna-se participante dos eventos das instituições, o homem se vê com a máscara do estereótipo do grupo, e este não lhe possibilita uma relação autenticamente inter-humana. Isto nega ao homem o próprio conhecimento de si, já que, “o encontro possível do homem consigo mesmo só poderá realizar-se no encontro do indivíduo com o outro. Só assim

⁴ BUBER, Eu e Tu, p.92.

⁵ BUBER, Martin. *Histórias do rabi*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 399.

ele ultrapassa sua solidão, quando reconhecer no outro, com sua alteridade, a si mesmo, homem”⁶.

Esse indivíduo que “está-com” cria uma comunidade com a qual se identifica pela vivência desta relação Eu-Tu. Nela tem-se subsequentemente a formação da dimensão do verdadeiro diálogo em que os homens estabelecem relações humanas “essenciais” entre si. A natureza peculiar do inter-humano se revela na relação essencial que existe ou que surge momentaneamente entre seus membros.

No encontro inter-humano, o homem se percebe numa existência que cria relações com os outros homens, para que assim ele possa estabelecer uma comunicação fundada pela esfera da relação, esfera comum a todos. Na especificidade do inter-humano acontece a relação entre o homem e o outro homem na comunidade, constituída por unidades vivas de relacionamento. Esta comunidade traz em seu cerne um anseio pela vida, anseio de liberdade, da qual se subtende que comunidade e vida são uma só coisa.

Pode-se falar de uma comunidade de amor ao se falar da convivência dos seres humanos entre si, do seu instante de relação verdadeira na co-responsabilidade, que se dá no momento de mutualidade do “desabrochar entre os homens, da ajuda que se dá para o crescimento do homem como pessoa, do apoio que um dá ao outro para a auto-realização da humanidade de acordo com a criação”⁷. Mediante esse amor o homem engendra, dá sentido, direção e medida aos outros. No amor a uma pessoa torna-se realizável a plenitude do mistério do ser humano. No instante da relação do inter-humano, “a afirmação do outro como pessoa é a única maneira em que a verdadeira humanidade é possível”⁸.

Buber coloca a relação como forma explicativa do inter-humano, ou seja, a dimensão que mostra o interesse pela situação total do homem no mundo, em que este se encontra, frente a possibilidade de múltiplas relações existenciais. Ao proferir a palavra-primordial não se deve ocultar nada de si; do contrário, o encontro não será verdadeiro. Somente no encontro dialógico é possível perceber a totalidade do homem, pois a totalidade do homem é atingida na contínua atualização de uma das duas atitudes do homem face ao mundo, na dinâmica da latência e da atualidade.

⁶ VON ZUBEN, Martin Buber, p.161-181.

⁷ GILES, Thomas Ranson. Martin Buber. In: *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1975. vol. II. p.137.

⁸ GILES, História do Existencialismo, p.101

1 ONTOLOGIA EXISTENCIAL

A compreensão da ontologia existencial apresentada por Martin Buber em seu livro filosófico *Eu e Tu* destaca-se como tantas outras enquanto chave de leitura para a situação do homem na contemporaneidade. Buber pertence a um passado que muitos dos contemporâneos não mais vislumbram em seu horizonte, mas as reflexões por ele provocadas tornam o seu pensamento atual e provocante.

O pensamento buberiano exerce fascínio naquele que se encontra preocupado com a própria existência e com a da humanidade; não uma existência idealizada, mas a existência que lhe cabe no momento, a existência atual e encarnada. Quando Buber estabelece o seu discurso, ele fala abertamente ao homem que se encontra situado no mundo e é a partir deste mundo que este homem orientará suas ações, ou seja, como ele se moverá.

1.1 As categorias

Na primeira parte de *Eu e Tu* Buber apresenta as categorias que fundamentam o seu pensamento condensado no seguinte trecho:

O mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude.
 A atitude do homem é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípio que ele pode proferir.
 As palavras-princípio não são vocábulos isolados mas pares de vocábulos.
 Uma palavra-princípio é o par Eu-Tu. A outra é o par Eu-Isso no qual, sem que seja alterada a palavra-princípio, pode-se substituir Isso por Ele ou Ela.
 Deste modo, o Eu do homem é também duplo¹.

A duplicidade é uma questão recorrente no pensamento e nos escritos de Martin Buber. Ele mesmo sugere em *Imagens do bem e do mal*² que esse estilo se mostra muito característico no caráter típico do estilo bíblico, onde parece adentrar num processo constante de tese e antítese.

Para Buber, o mundo é duplo para o homem a partir da atitude exercida por este no mundo, mediada pelas palavras primordiais³: Eu-Tu, conhecido como o movimento

¹ BUBER, Eu e Tu, p. 51.

² BUBER, Martin. *Imagens do bem e do mal*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 1992. p.15.

³ No texto quando utiliza-se a expressão palavras-primordiais, isto significa a nossa tradução da palavra *Grundwort*. Newton Aquiles Von Zuben traduziu como palavra-princípio. Artur Morão e Sofia Favila traduziram por palavras fundamentais.

dialógico do voltar-se-para-o-outro; e Eu-Isso, movimento monológico de dobrar-se-em-si-mesmo. O comportamento do homem sobre o mundo determina-se como uma ação interior que se constrói enquanto ação essencial do homem, pois “As palavras-princípio são proferidas pelo ser”⁴.

Pela forma como são dispostas se poderia entender as palavras primordiais como palavras isoladas, coisas, signos meramente impressos em um papel, separadas por um traço, ou *flatus vocis*, destacando-se nelas somente seu conteúdo estético; mas elas são pares de palavras, pois indicam um movimento de voltar-se ao outro que se lhe defronta, indicam uma relação⁵. “As palavras-princípio não exprimem algo que pudesse existir fora delas, mas uma vez proferidas elas fundamentam uma existência”⁶; tornam-se um acontecimento entre o homem e o ente que está diante dele.

Os pares de palavras, ao serem pronunciados, dão origem a uma existência no mundo que é orientada por um dos pares escolhidos: Eu-Tu ou Eu-Isso. A ideia de pronúncia aqui não tem nada a ver com o fenômeno fisiológico, onde o ar passa pelos órgãos vocais produzindo o som. Tem a ver sim com a intencionalidade do homem diante dos entes, onde o homem, ao se deparar com um contexto e uma subjetividade, delibera sua ação para com este mundo.

Por serem as palavras-primordiais dois pares de palavras, o Eu do homem também assume uma duplicidade; já que aqui não se está falando de um Eu em si, fechado, pronto, solipsista, mas de um Eu que acontece conforme são pronunciadas as palavras primordiais.

Dependendo do par de palavras primordiais em que se encontrar o Eu, sua atuação se dará de forma diferente, pois o Eu que aqui se dá não é considerado separado e, sim, em relação com objetos que se veem de uma certa distância ou com pessoas com quem se entra em relação pessoa-a-pessoa.

Se aparecer um Tu ou um Isso, o Eu é concomitantemente pronunciado, ele está presente nas palavras primordiais, pois “Ser Eu, ou proferir a palavra Eu são uma só e mesma coisa”⁷; é o Eu que o homem tem em sua mente e que está presente, pois “Aquele que profere uma palavra-princípio penetra nela e aí permanece”⁸.

⁴ BUBER, Eu e Tu, p.51.

⁵ Ver nota de rodapé *I and Thou*, Walter Kaufmann, p.53.

⁶ BUBER, Eu e Tu, p.51.

⁷ BUBER, Eu e Tu, p.8.

⁸ *Idem*, Eu e Tu, p. 52.

Dessa duplicidade do Eu se organiza a postura do homem ante o outro. As possibilidades que ele vislumbra para constituir a realidade se mostra como Tu ou como Isso. Quando o homem profere o par Eu-Tu ele o diz com todo o ser, não colocando-se parcialmente, mas unificando-se o Eu e o ser que está diante dele numa mutualidade, já que não tem coisa alguma por objeto; pois ele está na relação.

Diferentemente, no par Eu-Isso não há totalidade, pois em alguns casos pode ter o Isso substituído por Ele ou Ela, e mesmo assim não se modifica a intencionalidade da palavra-primordial. O homem entra em um mundo de separação, de parcialidade composto pelos verbos transitivos, pelas atividades que têm algo por objeto: perceber, experimentar, representar, querer, sentir e pensar. Ele entra na relação com o objeto, numa vida que se organiza e se faz a partir de coisas, que se compõe de coisas e que se confina às coisas, “Pois, onde há uma coisa há também outra coisa; cada Isso é limitado por outro Isso: o Isso só existe na medida em que é limitado por outro Isso”⁹.

E para Buber não é disto que é feita a vida do ser humano. Não se vive só com o Isso, como também não se vive só com o Tu; porém vive-se dessa duplicidade de atitudes do homem no mundo.

1.1.1 O mundo do Isso

E o que é este mundo do homem? O homem pode experimentá-lo? Para responder a estas perguntas Buber faz uma delimitação entre experienciar e relacionar, onde o experienciar corresponde e dá fundamento ao mundo do Eu-Isso, enquanto que o mundo do Eu-Tu é fundamentado pelo relacionar-se.

Outra vez mais torna-se presente a dinâmica das palavras primordiais, já que quando ditas elas fundam um mundo no qual aquele que aí penetra também permanece. Esse dizer a palavra é adentrar no mundo da existência, pois “Viver significa ser alvo da palavra dirigida; nós só precisaríamos tornar-nos presentes, só precisaríamos perceber”¹⁰, ou seja, só precisaríamos viver.

Buber explica o que acontece com o homem que organiza o seu mundo a partir da experiência. Para ele, experienciar significa que o homem adquire um saber sobre o que constitui as coisas, observa-as de uma forma superficial, experiencia o que é próprio das

⁹ BUBER, Eu e Tu, p. 52.

¹⁰ BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. Trad. Marta Ekstein de Sousa Queiroz e Regina Weinberg. S. Paulo: Perspectiva, 2014a. p.43. (Coleção debates, 158)

coisas e adquire delas informações. Tal como pode-se ver na atualidade, as pessoas encontram-se tão imersas num mundo de coisas que podem utilizar que precisam utilizá-las para seu bem-estar, mas não se perguntam sobre como o uso de determinado objeto poderia afetá-las profundamente; não se preocupam em comprometer-se com essas coisas. As coisas são, como Buber exclama: “[...] Amontoado de Informações! Isso, Isso, Isso!”¹¹

Mesmo que essas informações possam referenciar tanto as experiências internas como externas do homem, ou seja, estados psicológicos, elas não dizem nada sobre o homem, mas sim sobre as coisas ou sobre o objeto experimentado. Estas experiências “lhe apresentam apenas um mundo constituído por Isso, Isso e Isso, de Ele, Ele e Ela, de Ela e Isso”¹².

A estrutura mundanal, para Buber, faz parte da experiência numa atitude de extrema passividade. De certa forma, o mundo não tem participação na experiência do homem, como também o homem do mundo do Isso não participa do mundo: “a experiência se realiza ‘nele’ e não entre ele e o mundo”¹³. Compreende-se aqui que o mundo do Isso contribui para que o homem, rodeado pela imensidade de coisas e objetos que o circundam, tente minorar a sua angústia diante do mistério da morte ou do nada; mesmo que para isso ele recorra às experiências secretas,

trate-se da leitura do fígado ou das estrelas, seus signos têm a peculiaridade de estarem contidos num dicionário, mesmo que não necessariamente num dicionário escrito. E, por mais secretamente que seja transmitida a informação, aquele que está à sua busca sabe *orientar-se* nela, sabe quais as mudanças nas conjunturas da vida que ora este, ora aquele signo significam; e, embora o encontro de vários signos de espécies diferentes apresente dificuldades especiais de esperar e combinar, há uma possibilidade de “consulta”. A característica comum de todas estas práticas é ser “para sempre”: elas permanecem sempre iguais, seu resultado foi verificado uma vez por todas; suas regras, leis e conclusões analógicas são universalmente aplicáveis¹⁴.

Essa quantidade de informações organizadas seja na forma da escrita ou mesmo por meio de conceitos não deixa de ser somente um acúmulo de informações. Mas o homem não tem acesso ao mundo somente por meio de experiências, ele pode acessá-lo pela vertente da relação, fundamentada pela palavra-primordial Eu-Tu.

¹¹ BUBER, Eu e Tu, p.53.

¹² BUBER, Eu e Tu, p.52.

¹³ BUBER, Eu e Tu, p.53.

¹⁴ *Idem*, Do diálogo e do dialógico, p.44.

1.1.2 O mundo da relação

Para Buber, o mundo da relação é constituído por três esferas: relação com a natureza, relação com os homens e relação com os seres espirituais. Para tornar compreensível as esferas do mundo da relação, serão apresentados, após sua fundamentação, alguns relatos que as elucidem.

A primeira esfera da relação é a vida com a natureza. Nessa primeira esfera uma relação acontece, mas “numa penumbra como aquém da linguagem”¹⁵. Com as criaturas que circulam em nosso mundo, que perambulam na nossa presença, almeja-se de alguma forma estabelecer um vínculo: dirigir-lhe o Tu, porém essa experiência não alcança êxito, pois depara-se com o limiar da palavra. Há uma ocorrência de endereçamento do Tu aos seres visando estabelecer uma relação concreta, mas os entes envolvidos nesta esfera deparam-se com a limitação da falta de entendimento entre si.

No âmbito da esfera da vida com a natureza, Martin Buber se utiliza de uma vivência com uma árvore para elucidar essa esfera. Ao mirar a árvore, o homem precisa apreendê-la como uma imagem, como movimento, pode classificá-la numa espécie e torná-la observável e, por vezes, compreendê-la como um contínuo conflito de forças de composição e decomposição de substâncias. A árvore, neste sentido, permanece como um objeto que tem seu espaço e seu tempo. Aqui se aplicaria o movimento de considerar esta árvore como experiência, como inserida no mundo do Isso.

Mas pode acontecer um segundo movimento, o qual pode ser determinado por vontade própria ou por graça. Esse movimento faz o Eu do observador participar do processo de observação da árvore e ser levado a entrar em relação com ela. Em outras palavras, a árvore “já não é mais um Isso. A força de sua exclusividade apoderou-se de mim”¹⁶. Ela se destacou diante do homem.

Neste momento, nenhum dos modos pelos quais a árvore foi vista com minúcia e detalhe deve ser desconsiderado, ou rejeitado. Todos estão indissolivelmente incluídos na totalidade desta relação. Tudo o que é próprio da árvore está incluído numa totalidade. “Ela se apresenta ‘em pessoa’ diante de mim e tem algo a ver comigo e, eu, se bem que de modo diferente, tenho algo a ver com ela”¹⁷, pois relação implica reciprocidade.

¹⁵ BUBER, Eu e Tu, p.53

¹⁶ BUBER, Eu e Tu, p. 54.

¹⁷ *Idem.*

É a árvore mesma que se apresenta ao observador, ela enquanto uma particularidade e não mais uma impressão, um jogo de representação ou um valor emotivo. Buber compreende que este tipo de consideração pode deixar quem lê o relato um pouco embaraçado, até desconsertado, mas afirma que este tipo de vivência se dá no campo da relação, e que esta não seja debilitada por causa de incompreensões ou de falta de suportes naquele que dela participa.

Na segunda esfera, a vida com os homens, a relação se manifesta e torna-se explícita na sua concretude, pois se pode participar do duplo movimento: dar e receber o Tu. É no espaço das relações humanas que se percebe explicitamente a relação: deparar-se com a capacidade de se direcionar para o outro e este, por sua vez, direcionar-se também a nós. Aqui existe a linguagem que fundamenta essa relação.

Ao exemplificar a segunda esfera, ou seja, a da vida com os homens, Buber chama a atenção para que não se compreenda o homem como uma coisa, ou melhor, como algo inserido no mundo do Isso. Este homem não é uma coisa entre coisas ou formado por coisas, não é simplesmente um Ele ou Ela limitado por outros Eles ou Elas, como também, não pode ser vivenciado como uma qualidade, ou modo de ser, ou algo que pode ser experienciável, descritível, um feixe flácido de qualidades definidas.

O homem que se torna presente diante de mim, ao lhe endereçar a palavra-primordial Eu-Tu, é meu Tu que preenche todo o horizonte. Não que tudo mais deixasse de existir, “mas que tudo o mais vive em *sua luz*”¹⁸. Ele se apresenta diante de mim como uma unidade, uma unidade que não é compreensível no espaço e no tempo, mas sim como atualidade: este ser aí. “Eu entro em relação com ele no santuário da palavra-princípio”¹⁹, ou seja:

A relação pode perdurar mesmo quando o homem a quem digo Tu não o percebe em sua experiência, pois o Tu é mais do que aquilo de que o Isso possa estar ciente. O Tu é mais operante e acontece-lhe mais do que o Isso possa saber. Aí não há lugar para fraudes: aqui se encontra o berço da verdadeira vida²⁰.

Mas pode acontecer que, por causalidade ou fatalidade, ao sair do santuário da palavra-primordial Eu-Tu, o homem - o qual anteriormente se encontrava em relação - agora se torne um objeto experienciável. Será um homem situado num tempo e num

¹⁸ BUBER, Eu e Tu, p. 55.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ BUBER, Eu e Tu, p. 55-56.

espaço que terá sua unidade reduzida a uma multiplicidade, seja por retalhamento, seja por dilaceramento.

Este homem já não é mais um Tu e sim um Ele ou Ela; ele está no mundo do Isso. O distanciamento do Tu se dá a partir do momento que o homem sai da relação e vai para o campo da experiência. E isso, como Buber afirmará, deverá acontecer: “Enquanto o universo do Tu se desdobra sobre minha cabeça, os ventos da causalidade prostram-se a meus calcanhares e o turbilhão da fatalidade se coagula”²¹.

A vida com os seres espirituais é a terceira esfera de relação. Nesta esfera a relação revela-se envolta em nuvens, num silêncio que paulatinamente gera linguagem. “Não ouvimos nenhum *Tu* e, no entanto, sentimo-nos chamados, respondemos – criando, pensando, agindo: com o nosso ser expressamos a palavra fundamental, sem conseguirmos dizer *Tu* com a nossa boca”²².

Diferente da primeira esfera onde a relação é obscura e acontece numa penumbra, aqui na terceira esfera a relação se encontra envolta em nuvens, mas se desvela pouco a pouco. Este desvelar-se é quase como um ato místico, por assim dizer: uma atitude de elevação, onde a espiritualidade da palavra que, contudo, é muda suscita uma voz, essa voz que será sempre o chamado – solicita uma resposta.

Esse chamado que está sempre presente em todas as esferas e ao qual devemos responder como diz Buber: criando formas, pensando, atuando. Logo, “Fazer é criar, inventar é encontrar. Dar forma é descobrir. Ao realizar eu descubro”²³. O poder de realização do homem está em sua capacidade de responder prontamente ao que lhe é solicitado.

Buber utiliza-se da arte em sua origem eterna para exemplificar esta esfera. A arte se dá quando uma forma se coloca diante do homem e por meio dele deseja tornar-se uma obra; aí acontece uma relação. Assim, ela não é um produto do seu espírito, mas sim uma aparição que exige dele a própria realização, por meio de um ato essencial do ser do homem enquanto participante no santuário da palavra-primordial Eu-Tu. Esta forma, enquanto uma aparição, exige do homem um poder eficaz, um poder que só ele pode realizar: a forma torna-se obra através do ser inteiro do homem.

Buber alerta que esta ação pode ser compreendida enquanto oferta e risco:

²¹ BUBER, Eu e Tu, p. 55.

²² BUBER, Eu e Tu, p.10-11.

²³ BUBER, Eu e Tu, p. 56.

[...] Uma oferta: a infinita possibilidade que será imolada no altar da forma. Tudo aquilo que ainda há pouco se mantinha em perspectiva deverá ser eliminado, pois, nada disso poderá penetrar na obra; assim exige a exclusividade própria do 'face-a-face'. Um risco: a palavra-princípio não pode ser proferida senão pelo ser em sua totalidade, isto é, aquele que a isso se entrega não deve ocultar nada de si, [...] ²⁴

A obra não tolera ser fundamentada no mundo do Isso, pois enquanto oferta, pede ao homem-artista que ele a atualize, presentificando o que foi oferecido no face-a-face. Estabelece-se assim uma autêntica relação: a obra atua sobre o artista assim como o artista atua sobre a obra. Eis mais uma vez a questão da reciprocidade. A obra deve ser contemplada como um ser presente, por meio de uma receptividade constante do homem. Se ela for compreendida enquanto objetividade, a forma não está mais aí.

1.1.3 O Tu

Como se dá a relação do homem com o Tu? Inicialmente, Buber afirma que o Tu não pode ser compreendido por meio da experiência, pois assim deixaria de ser Tu e se tornaria um Isso. Ao mesmo tempo, o Tu deixa-se encontrar num instante de totalidade, já que dele não se pode falar parcialmente.

O Tu se encontra com o homem por graça, não devendo ser procurado. Porém o homem pode e deve endereçar-lhe a palavra-primordial, já que isto é um ato essencial de seu ser. Ou seja, o homem deve colocar-se disponível e aberto para que o Tu apareça, deve trazê-lo enquanto perspectiva. Quando o Tu se encontra com o homem, a relação é imediata: “o ser escolhido e o escolher”²⁵. Não há nesta relação somente passividade, estar aberto para acolher o Tu. Há ao mesmo tempo passividade e atividade. O endereçar-lhe a palavra-primordial é uma atividade do homem, como também a ação do seu ser inteiro, por meio da suspensão de todas as ações parciais deve ser compreendida como uma passividade. “A união e fusão em um ser total não podem ser realizadas por mim e nem podem ser efetivadas sem mim. O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando Eu que digo Tu”²⁶. O Eu que aqui é atualizado é o da relação, não o da objetivação.

Como dito anteriormente, a relação com o Tu é imediata, pois não se interpõe entre os sujeitos da relação nenhum tipo de jogos de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia, mas somente a totalidade da relação, o encontro. Qualquer coisa ou

²⁴ BUBER, Eu e Tu, p.56.

²⁵ BUBER, Eu e Tu, p.57.

²⁶ *Idem*.

meio que se interponha na relação torna-se um obstáculo, fazendo com que a relação seja demarcada. Esta demarcação indicará que o encontro se desvaneceu, que o Tu foi jogado para o mundo do Isso, que deixou de ser presença e tornou-se um objeto.

Buber fala da presença como o instante atual e plenamente presente. Este sentido de presente só acontece quando existe presença, encontro, relação. “Somente na medida em que o Tu se torna presente a presença se instaura”²⁷, somente por meio da palavra-primordial Eu-Tu o presente e a presença se instauram. Para ele, esta ideia de presente não se refere ao presente comumente conhecido, enquanto instante pontual que designa uma fugacidade que nos escapa, ou seja, um tempo como que expirado indicando uma parada. Aquele que ao ser indicado encontra-se localizado entre outros dois: o passado e o futuro. “Presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós”²⁸.

Por sua vez, o objeto ou os fatos do passado encontram-se envoltos em conteúdos, em dados, em informações que representam estagnação, parada, interrupção, enrijecimento, desvinculação, ausência de relação, de presença. Este objeto depara-se com o Eu da palavra-primordial Eu-Isso, um Eu que não tem diante de si no face-a-face uma pessoa, o Tu, e sim um passado e seu instante privado de presença. A essência dos seres é vivida na presença, a vida de objetividade dos seres refere-se a um passado.

É um presente que assume o tempo e não passa nele, é um espaço no qual o tempo habita e não como as coisas que requerem de limites para ser, é uma unidade/totalidade de tempo e espaço, pois

Assim como a melodia não se compõe (somente) de sons, nem os versos de vocábulos ou a estátua de linhas [...] Assim como a prece não se situa no tempo mas o tempo na prece, e assim como a oferta não se localiza no espaço mas o espaço na oferta – e quem alterar essa relação suprimirá a atualidade, do mesmo modo o homem a quem eu digo Tu não encontro em algum tempo ou lugar²⁹.

Presença e objeto, presente e passado, pessoa e coisa, Eu-Tu e Eu-Isso são dualidades que não se encontram num mundo das ideias. Mesmo este quando invocado pode referir-se ao mundo do Eu-Isso. Essas dualidades fazem parte da realidade do homem, realidade concreta e encarnada, da estrutura mundanal à qual um homem diz verdadeiramente Tu.

²⁷ BUBER, Eu e Tu, p. 58.

²⁸ *Idem.*

²⁹ BUBER, Eu e Tu, p. 55.

Recorrer ao mundo das ideias como um terceiro elemento seria compreendê-lo como se o mundo no qual se está instalado fizesse referência a um Eu em si ou um ser em si, um mundo no qual o homem não participa com sua vida. Ou seja, alguém poderia erigir para si um anexo e uma superestrutura de ideias, um mundo das coisas no qual poderia experimentá-las e utilizá-las, afugentando assim o seu temor diante do nada, mas mesmo assim isto nada teria a ver com a humanidade encarnada a qual Buber chama a atenção. Muitas vezes aquele que se utiliza de um conceito ou de um palavreado reduz a humanidade a um Isso, em vez de proferir a palavra-primordial com todo o seu ser.

1.1.4 O amor

No interior da relação Eu e Tu existe a possibilidade do amor. A relação é uma ação sobre o que se está face-a-face, e isto foi exemplificado quando se falou das três esferas. No caso da arte, o face-a-face se dará através do encontro, no qual a forma se tornará obra, sendo este seu ato essencial. Ela se encarna, manifesta-se da torrente da presença para a margem da existência.

Esta mesma ação não tem seu sentido evidente quando se refere ao Tu humano. A ação imediata que acontece entre os homens pode ser rapidamente confundida com o termo sentimentos. “Os sentimentos acompanham o fato metafísico e metapsíquico do amor, mas não o constituem”³⁰. O amor é um, ele se realiza entre o Eu e o Tu, ele acontece única e exclusivamente na relação.

Os sentimentos tornam-se posse do homem por meio dos quais ele pode vivenciar, experimentar, perceber e exprimir o que ele considera que seja o amor. O amor é uma força cósmica, é a responsabilidade de um Eu para com um Tu e nisto consiste a igualdade daqueles que amam, que não podem restringi-lo a sentimentos. Aquele que contempla e habita no amor torna os outros homens atuais. Estes tornam-se para aquele um Tu, ou seja, seres desprendidos, livres, únicos que os encontra num face-a-face.

O sentido desta ação, da sua imediaticidade na esfera da vida com as criaturas e sua visão permanece para nós um mistério. Os entes vivem ao redor de nós e nos direcionam o olhar, este olhar pode ser considerado uma espera, uma possibilidade; “mas ao se aproximar de qualquer um deles você atinge sempre o Ser”³¹.

³⁰ BUBER, Eu e Tu, p. 59.

³¹ BUBER, Eu e Tu, p. 60.

Na esfera da relação o homem vive irremediavelmente encerrado no fluxo da reciprocidade. Esta reciprocidade pode se dar por meio dos alunos, por meio das obras, por meio das crianças e dos animais; é uma relação de um atuando sobre o outro. Mesmo no caso do mal, ele pode ser tornar revelador. Pois aquele que experimenta o mal, pode também experimentar o bem.

Quando se fala sobre o mal tem-se como seu correlato o bem. O ódio aparece como um correlato do amor. Para Buber, o amor pode ser cego. Sua cegueira se dá a partir do momento em que o homem não enxerga o outro na sua totalidade; enxerga somente uma parte de um ser. Ele não está incluindo este outro homem no reino da palavra-primordial da relação, e sim da separação.

[...] O ódio por sua própria essência permanece cego; [...] Aquele que, vendo um ser na sua totalidade, deve recusá-lo, não está mais no reino do ódio, mas no limite humano da possibilidade em dizer Tu. Se acontece ao homem não poder proferir ao seu companheiro a palavra-princípio que encerra uma aceitação do ser ao qual ele se dirige, ou, então, se ele deve renunciar a si ou ao outro, isto significa que ele atinge o limite no qual o “entrar-em-relação” reconhece sua própria relatividade, limite esse que só poderá ser abolido por esta mesma relatividade³².

Aquele homem que enxerga o outro homem em sua totalidade não odeia, ele ama. Quando ele assume para si a possibilidade de amar, assume a capacidade de dizer para o outro um Tu. O ódio enquanto realidade é um modo de dar atenção a uma característica deste outro ser. A indiferença é o distanciamento total da aceitação do ser ao qual o homem se dirige. A indiferença é diferente do ódio, pois “aquele que experimenta imediatamente o ódio está mais próximo da relação do que aquele que não sente nem amor e nem ódio”³³.

1.1.5 A grande melancolia

Para Buber, no mundo da relação, a grande melancolia que o destino impõe ao ser humano é que inevitavelmente cada Tu no mundo deve tornar-se um Isso. A passagem do Tu para o isso não deve ser entendida como estados alternados. Trata-se de processos que se dão na profundidade da dualidade. Por isso ele afirmou que o mundo do homem é dual. A vida do homem está inserida processualmente nesta melancolia.

³² BUBER, Eu e Tu, p.60.

³³ *Idem*.

Por mais exclusiva que tenha sido a presença do Tu na relação imediata, o homem tenderá a colocar o Tu como objeto entre objetos, pois haverá no interior do homem a necessidade de submeter tudo aquilo que se lhe defronta a uma medida e limitação. O ser natural que agora a pouco acabou de se revelar na imediaticidade, tornar-se-á um objeto compreendido mediante vários ciclos de leis, tal como aconteceu no exemplo da árvore.

Até o próprio amor não permanece na relação imediata, ele durará numa alternância de atualidade e latência. Quando a palavra-primordial Eu-Tu for proferida o amor se tornará realidade, se atualizará; quando a palavra-primordial Eu-Isso for proferida o amor ficará como que em perspectiva, como possibilidade de instauração do reino da relação: “O Isso é a crisálida, o Tu a borboleta”³⁴.

Cada Tu, neste mundo é condenado, pela sua própria essência, a tornar-se uma coisa, ou então, a sempre retornar à coisidade. Em termos objetivos poder-se-ia afirmar que cada coisa no mundo pode ou antes ou depois de sua objetivação aparecer a um Eu como seu Tu. Porém esta linguagem objetivamente não capta senão uma ínfima parte da verdadeira vida³⁵.

1.2 O *a priori* da relação: o Tu inato

No começo é a relação, assim inicia Buber ao falar da parte que faz referência ao Tu inato. Para isso ele adentra num período um pouco obscuro da humanidade para especificar que lá se encontra a raiz de toda relação, pois o instinto de relação é primordial.

No princípio é a relação, como categoria do ente, como disposição, como forma a ser realizada, modelo da alma; o *a priori* da relação; o Tu *inato*. Quando se vive numa relação realiza-se, neste Tu encontrado, a presença do Tu inato. Fundamentando-se no *a priori* da relação, pode-se acolher na exclusividade este Tu, considerado como um parceiro; em suma, pode-se endereçar-lhe a palavra-princípio³⁶.

Para exemplificar a vivência do Tu inato e para ressaltar a sua presença nos eventos primordiais da humanidade, Buber utiliza-se de duas situações. A primeira refere-se à experiência do mundo primitivo, que será utilizada de forma simbólica; e a segunda, que ele considera como verdadeiramente mais esclarecedora, a do processo de desenvolvimento da criança. Tanto num exemplo como no outro a possibilidade de encontro torna-se à espreita.

³⁴ BUBER, Eu e Tu, p.61.

³⁵ *Idem*.

³⁶ BUBER, Eu e Tu, p. 67-68.

1.2.1 No mundo primitivo

A vida do homem primitivo pode ser compreendida como que envolta numa linguagem que exprime a totalidade de uma relação. Buber acredita que os homens primitivos pertenceram àqueles “povos que permaneceram carentes de objetos e cuja vida foi construída num âmbito restrito de atos fortemente ricos de presença”³⁷. O núcleo da linguagem dos primitivos são as palavras-frase, as formas pré-gramaticais que, mesmo com as pessoas substanciais quantos pronominais ainda sem independência completa, exprimem a verdadeira unidade originária, a relação de vida.

Essas palavras-frases hodiernamente não surtem o mesmo efeito que na era primitiva. Hoje elas apontam para experiências indiretas e mesmo desgastadas, sem carregar aquela expressão atuante e vívida de outrora. Isso se dá porque tanto as relações como os conceitos, ou mesmo a representação de pessoas e coisas se desvincularam de eventos ou estados de relação. Tudo parece apontar para o nada ou para seres sem rosto.

Os fenômenos de relação despertaram o espírito do homem natural, de modo que as impressões e emoções que lhe são elementares são derivadas dessa experiência de um face-a-face, de uma vida na reciprocidade. Ao ser apresentada a relação do homem primitivo com o aparecimento dos seres, se perceberá que para ele este aparecimento dos seres nada mais é do que uma relação atuante entre o homem e os seres que lhe confrontam. Ele ainda não pensa nesses seres enquanto produtos de abstrações, mas eles se dirigem até ele em pessoa e se aproximam dele enquanto uma imagem dinâmica que perpassa o seu corpo.

Mas como já é esperado em qualquer fenômeno de relação, aquela imagem que o homem havia recebido inconscientemente começa a reavivar enquanto lembrança e a partir daí se inicia a separação entre o autor e o objeto daquela ação. Algo que acontecia espontaneamente entre o homem e os seres que o rodeavam; entre estes e aqueles, acontecem agora só no homem. Agora evidencia-se aquele momento em que um Tu que não se pode experimentar, torna-se em um Ele ou Ela, torna-se em algo recebido capaz de objetivação.

Para Buber os momentos originais de relação indicam a presença de um elemento da vida primitiva sobre o qual a ciência moderna discorreu amplamente, mas que está tanto presente na crença como na ciência de muitos povos primitivos: o *Mana* ou *Orenda*.

³⁷ BUBER, Eu e Tu, p. 61.

Segundo Buber, o *Mana* foi classificado pela ciência moderna como um poder supra-sensível e sobrenatural, que em nada se aproxima da compreensão dos povos primitivos.

A compreensão de mundo para os povos primitivos passa por uma vivência corporal na qual qualquer situação pertence naturalmente ao seu mundo. Aquilo que os povos primitivos consideravam como fenômenos aos quais eles atribuem um poder místico, nada mais são do que fenômenos elementares de relação que comovem os seus corpos e deixam neles uma emoção impregnada³⁸. Tudo o que circula a vida do homem primitivo está de posse desse poder.

Para Buber, o *Mana* é esse poder atuante que transforma tudo em um Tu que agita o sangue; é o poder que permanece na memória como traço mesmo quando esta já fez a transposição da imagem emotiva para a objetiva, aparecendo somente ao autor e portador desse poder. O *Mana* é um indicativo de ação, é um poder atuante que age e impulsiona tudo e está em tudo.

O entendimento de que o mundo dos povos primitivos seria um mundo mágico se dá pela concepção de que o poder mágico do homem nada mais é do que uma “variedade particular do poder mágico universal da qual provém toda ação essencial”³⁹. Assim, o que ocasiona essa ideia de um poder mágico para os povos primitivos, seria a irrupção sempre nova deste poder sem prender-se a uma ideia de continuidade.

Conforme Buber nos apresenta, “O *Mana* é uma abstração primitiva, talvez mais primitiva do que o número, porém não mais sobrenatural”⁴⁰. Ele é esta lembrança que por se tornar capaz de aprendizagem classifica os eventos de relação fundamentais: primeiro, tudo que atua, que se evidencia, torna-se autônomo assumindo importância tanto para o instinto de conservação como para o de conhecimento. Em segundo lugar, o Tu mutável das vivências recua para tornar-se objeto destacado na memória, indo aos poucos recolher-se em grupos e gêneros. E por fim, irrompe o outro, o parceiro, sempre o mesmo: o Eu.

No período primitivo, o corpo é aquele que deseja e se ocupa de fazer as coisas, ele se torna um inventor. Ele não se reconhece como aquele que conhece, como um sujeito de experiência, e sim um sujeito de vivências: “O Eu surge da decomposição das

³⁸ BUBER, Eu e Tu, p.63.

³⁹ *Idem.*

⁴⁰ *Idem.*

vivências primordiais, provém das palavras originais vitais, o *Eu-atuando-Tu* e *Tu-atuando-Eu*, após a substantivação e a hipóstase do particípio⁴¹.

Desse modo evidencia-se na história intelectual do homem primitivo a diferença que fundamenta as palavras-primordiais *Eu-Tu* e *Eu-Isso*; onde a primeira se dá de um modo natural enquanto que a segunda se efetiva a partir do momento em que este *Eu* se conhece. “[...] Já no evento primordial de relação, ele profere a palavra-princípio *Eu-Tu* de um modo natural, anterior a qualquer forma, sem ter-se conhecido como *Eu*, enquanto que a palavra-princípio *Eu-Isso* torna-se possível, através desse conhecimento, através da separação do *Eu*”⁴². O par de palavra-primordial que evidencia a relação é característico do vínculo natural do homem, enquanto que as instâncias de não vinculação se efetivam posteriormente quando este hoje se reconhece como um *Eu*.

O mundo dual emerge da relação e dela se tornarão elementos constitutivos os pares de palavras-primordiais. Mesmo que em sua constituição o par primordial *Eu-Tu* contenha um *Eu*, este está ali para evidenciar que o evento primordial de relação se dá entre dois parceiros: o homem e aquilo que o confronta. Ambos vivendo esta relação na atualidade. “A primeira palavra-princípio *Eu-Tu* decompõem-se de fato, e um *Eu* e um *Tu*, mas não proveio de sua justaposição, é anterior ao *Eu*. A segunda, o *Eu-Isso* surgiu da justaposição do *Eu* e do *Isso*, é posterior ao *Eu*”⁴³.

Num primeiro momento, o *Eu* da palavra-primordial *Eu-Isso* não está presente no fato natural que o evidencia, mas sim é o corpo do homem que começa aos poucos a se distinguir do meio ambiente. As sensações que este corpo carrega fazem com que ele aos poucos comece a se conhecer e a se distinguir como mera contiguidade, porém não se tem o *Eu* destacado.

Num segundo momento, aparece esse *Eu* destacado que se considera existente em sua separação. O corpo agora se descobre como uma egoidade e desse fato em diante surge um *Eu* consciente de si, “a primeira forma da palavra-princípio *Eu-Isso*, a primeira experiência egocêntrica: o *Eu* que se distanciou, aparece então como o portador de suas sensações das quais o meio ambiente é o objeto”⁴⁴.

Neste contexto, Buber considera que essa compreensão da forma como as palavras-primordiais se organizam resulta de um processo em nosso estado de

⁴¹ BUBER, *Eu e Tu*, p. 64.

⁴² *Idem*.

⁴³ *Idem*.

⁴⁴ BUBER, *Eu e Tu*, p. 65.

primitividade do que de uma demanda de respostas teórico-cognitivas. Há um processo de passagem do mundo da relação para um mundo da percepção. Antes um mundo organizado pela relação homem e o ser que o confronta; agora, uma consciência que estabelece sua percepção sobre o objeto que o confronta: eu percebo, eu observo e etc. “A frase erigiu a barreira entre sujeito e objeto; a palavra-princípio Eu-Isso, a palavra da separação, foi pronunciada”⁴⁵.

É comum pensarmos que o âmbito da palavra-primordial Eu-Isso tenha algo de negativo, de ruim. Não é isso que Buber tenta expressar em sua explicação. Ao final da explanação sobre o surgimento das palavras-primordiais no mundo do homem, ele as classifica como eventos que são inerentes à própria Criação. Ou seja, a realidade natural é o espaço de onde deriva a verdade espiritual das palavras-primordiais.

1.2.2 No desenvolvimento da criança

Buber considera que a vida pré-natal das crianças é a representação do puro vínculo natural. A vida da criança que está por nascer encontra-se gravada na mãe que a carrega, na responsabilidade desta. Mas este vínculo não faz referência somente à mãe humana que o carrega, mas também ao vínculo cósmico em que se tem a ideia de a criança repousar no seio da grande mãe. Cada criança em desenvolvimento repousa no seio da grande mãe, do mundo primordial indiferenciado e que precede toda forma⁴⁶. Este vínculo permanece gravado no ser da criança enquanto um anseio, e por toda a vida estará lá como a nostalgia de vínculo com seu Tu verdadeiro.

A criança necessariamente passará por um período de substituição deste mundo natural para o mundo de sua vida pessoal. Tal período não se dará de forma brusca e catastrófica, semelhante à experiência que a criança passa durante o parto. Ao nascer, a criança se deparará com uma realidade que se apresenta enquanto encontro. Tudo o que se apresentar diante da criança estará cercado pela dinâmica da reciprocidade e pela força atuante do face-a-face: *Eu-atuando-Tu* e *Tu-atuando-Eu*.

Segundo Buber, a criança já precocemente indica traços de relação. Esses podem ser percebidos quando se percebe os olhares ou os gestos da criança procurando no espaço por algo indefinido. Não se trata de um gesto animal ou de um reflexo, mas sim de um confronto que se passa na fantasia da criança com um parceiro vivo e atuante que a tira

⁴⁵ BUBER, Eu e Tu, p. 65.

⁴⁶ *Idem*, p.66.

de seu estado de plenitude. É o instinto da criança em transformar tudo em Tu. Para a percepção da criança esse parceiro não é um objeto, a percepção enquanto objeto se dará posteriormente, mas é o instinto de relação primordial de uma forma primitiva e não-verbal do dizer Tu em que a mão côncava é o espaço onde seu parceiro pode se adaptar. “No princípio é a relação, como categoria do ente, como disposição, como forma a ser realizada, modelo da alma; o *a priori* da relação; o Tu inato”⁴⁷.

Dessa forma, no desenvolvimento da criança a atuação do tu inato se traduz por meio da necessidade de contato e de reciprocidade com os entes confrontados. Seguido da necessidade de contato aparece o instinto do autor que, de certa forma, produz uma coisa personificada com a qual ele dialoga.

Para Buber, a alma na criança se desenvolve atrelada ao processo de desenvolvimento do Tu, e ao que este desenvolvimento proporciona. Este fenômeno torna-se compreensível quando se leva em consideração sua origem cósmica e meta-cósmica, ou seja, o indivíduo físico já se desligou do mundo primordial pelo nascimento, mas não o indivíduo corporal, uma vez que este só consegue fazer a passagem quando entra nas relações.

1.3 O Eu

Afirma Buber: “O homem se torna Eu na relação com o Tu”⁴⁸. Este homem sabe que por estar na relação, os seus instantes de acontecimentos são fugazes, não são feitos para durar. Os eventos de relação são caracterizados pelas alternâncias do aparecer e desvanecer, pela condensação e pela dissimulação; e é nessa alternância que a consciência do Eu vai se esclarecendo. Essa consciência que vai aos poucos se conhecendo, faz com que o Eu que antes estava vinculado agora se perceba separado, e num estado de ser consciente entrar em relações.

Pode acontecer que o Tu da relação nesse processo de alternância se torne um Isso em si, sem aparecer como um Isso para um Eu, mas enquanto uma possibilidade de espera para se transmutar durante um evento de relação.

Subsequentemente o que era um corpo se transmuta em corpo humano para se distinguir do ambiente onde se encontra e transformar-se no portador de duas impressões e executor de seus impulsos, configurando assim a radical separação entre o Eu e o objeto.

⁴⁷ BUBER, Eu e Tu, p.68.

⁴⁸ *Idem*.

Este Eu desligado reduz-se agora a um sujeito de experiência e utilização, fazendo consideração sobre as coisas sem ter com elas nenhum sentimento de universalidade. “O homem transformado em Eu que pronuncia o Eu-Isso coloca-se diante das coisas em vez de confrontar-se com elas no fluxo da ação recíproca”⁴⁹.

Este sentimento de universalidade o homem só pode encontrar na, ou a partir da relação. Durante os eventos de relação algumas memórias sobre as vivências que ele teve com as coisas foram se acumulando. Essas memórias fixaram-se em qualidades que agora compõem as coisas, que para ele são experiência, ou seja, somas de qualidades. O homem só poderá atingir novamente esta compreensão de universalidade na medida em que conseguir atingir o núcleo poderoso, revelado a ele no Tu, que faz com que ele compreenda toda substância com um ser onde todas as qualidades são englobadas.

Depois de acessar esse núcleo poderoso, o homem começa a ordenar as coisas em uma conexão espaço-temporal-causal. Ele inevitavelmente irá determinar para elas um lugar, sua possibilidade de evolução, sua medida e sua condição.

O Tu de certa forma também participará desta conexão espaço-temporal-causal, já que ele se revela no espaço de um face-a-face exclusivo onde tudo o mais se apresenta como cenário, sem tornar-se para este sua medida ou limite. Enquanto compreendido na dimensão tempo, o Tu se revela em um instante, na intensidade deste como um evento plenamente realizado. E por fim, há a manifestação do Tu enquanto aquele que exerce e recebe a ação, sem estar compreendido numa cadeia de causalidades, pois na reciprocidade com o Eu, o Tu é princípio e fim do evento da relação.

1.4 O mundo

Quando Buber fala do mundo há uma compreensão de três tipos de mundo: o mundo do Tu, o mundo do Isso e o mundo enquanto estrutura criacional, onde a dualidade do mundo humano pode se efetivar.

Num primeiro momento, se pode pensar que a verdade fundamental do mundo humano é o mundo do Isso, que é um mundo separado e que inspira confiança para o homem; já que o mundo do Tu não inspira tanta confiança assim dada a sua multiplicidade. O mundo do Isso é o mundo ordenado, mas isso não quer dizer que ele seja a ordem do mundo. Ele é somente um dos modos como o homem pode se entender

⁴⁹ BUBER, Eu e Tu, p.69.

na estrutura do mundo. O mundo ordenado inspira confiança para o homem, pois ele apresenta densidade e duração, ou seja, o homem pode repetir essa estrutura de mundo quantas vezes quiser e pode experimentá-lo. Ele se torna um objeto para o homem.

O mundo do Isso apresenta dois privilégios em sua base: é o espaço onde cada Tu, após o evento da relação tende a transformar-se necessariamente em um Isso; e onde o Isso, se adentrar num evento de relação, pode se tornar um Tu.

O mundo do Isso é coerente no espaço e no tempo. Como é fundamentado pela experiência e utilização, é um mundo onde se pode viver unicamente no passado. Já que o homem não pode viver unicamente no presente, isto o consumiria. Contudo Buber é bem enfático: “O homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem”⁵⁰.

Num segundo momento compreende-se o mundo do Tu onde a ordem do mundo se dá como presente, e com todas as características que este mundo pode trazer ao homem. E a força desse momento integram a criação e o conhecimento do homem. Os encontros com o Tu se dão mediante episódios singulares, de um encanto sedutor, que deixam mais questões que satisfações. Eles não trazem uma sensação de segurança, mas sim inquietações que nos são indispensáveis.

Pode-se até pensar que ao produzir o som Tu através das cordas vocais ou mesmo sussurrar um tu amoroso seja condição de proferir a palavra-primordial da relação. Esses acontecimentos podem vir carregados de desejo de utilizar e experimentar e por isso são condizentes com o mundo do Isso.

Por fim, Buber entende que o mundo criacional encontra-se totalmente alheio ao homem. O homem se esquece que esse mundo é o único espaço onde o homem pode se entender com o outro. Mesmo que cada homem tenha o seu próprio mundo, o mundo criacional é um objeto comum para ambos. É neste mundo criacional que o homem pode encontrar o Ser e o devir como uma presença, e o mesmo se diz para as coisas. A presença se desvela ao homem por meio do acontecimento, e o acontecimento é para o homem o Ser. O homem não precisa refugiar-se em um mundo das ideias para vivenciar esses instantes, é neste mundo concreto que ele vivenciará isso.

É na concretude deste mundo que os encontros acontecem e estes são símbolos da ordem do mundo. Este mundo tende a deixar o homem desconfiado, pois a cada novo

⁵⁰ BUBER, Eu e Tu, p.72.

encontro o mundo se revelará de um modo diferente. O mundo se apresentará transformado.

O mundo é o teu presente, é o lugar onde haverá reciprocidade de doação: “tu lhe dizes Tu, e te entregas a ele; ele te diz Tu e se entrega a ti”⁵¹. O homem se torna solitário na relação com o mundo, mais sabe que é ele que o ensina como encontrar o outro e a manter esse encontro. É somente neste mundo e não em outro que o homem é conduzido ao Tu no qual se encontram as linhas de todas as relações.

⁵¹ BUBER, Eu e Tu, p. 71.

2 O TU ETERNO

Na terceira parte de *Eu e Tu*, Buber discorre sobre o Tu Eterno, afirmando que por intermédio do Tu de cada ser de relação saem linhas que cruzam reciprocamente com o Tu Eterno. As relações que se encontram dispostas em suas três esferas têm como finalidade apontar para a relação com o Tu Eterno. Desse modo, cada Tu individualizado torna-se uma perspectiva para ele e através de cada tu individualizado a palavra-primordial serve de invocação para o Tu Eterno, para sua realização e atualização. “As linhas de todas as relações, se prolongadas, entrecruzam-se no Tu eterno”¹.

Mediante o Tu de todos os seres se dá a possibilidade de realizar ou não a relação. Essa relação torna-se concreta quando o Tu inato se realiza em cada Tu individualizado, mas não se completa em nenhum deles. O Tu inato tem possibilidade de completar-se somente na relação imediata com o Tu que não pode tornar-se um Isso. O Tu eterno é o único Tu que por sua essência não pode se converter em um Isso.

A palavra-primordial pode apresentar dois momentos diferentes de invocar o Tu eterno. Em um determinado momento quando o homem utiliza-se do mito para estabelecer relação, era ao Tu eterno que ele elevava seus cânticos, era para ele que se direcionava seus pensamentos. Como pode ser visto no cântico abaixo:

Onde eu ando - Tu!
 Onde paro - Tu!
 Só Tu, outra vez Tu, sempre Tu!
 Tu, Tu, Tu!
 Quando estou bem - Tu!
 E se a dor me vem - Tu!
 Só Tu, outra vez Tu, sempre Tu!
 Tu, Tu, Tu!
 O céu - Tu, a terra - Tu,
 Em cima - Tu, embaixo - Tu,
 Em toda parte, onde quer que eu vá,
 Só Tu, outra vez Tu, sempre Tu!
 Tu, Tu, Tu!²

De certa forma, todos os nomes dos quais o homem se utilizava para invoca-lo estavam santificados, pois não se tecia comentários ou elucubrações sobre o Tu eterno, estabelecia-se um diálogo direto. Assim, “[...] aquele que proferindo a palavra Deus, quer significar realmente Tu, não importa de que ilusão esteja tomado, invoca o verdadeiro Tu

¹ BUBER, *Eu e Tu*, p. 99.

² BUBER, *Histórias do rabi*, p. 257.

de sua vida, o qual não pode ser limitado por nenhum outro e com o qual ele está em uma relação que engloba todas as outras”³.

E em um segundo momento, pode ser que a forma de acessar esses nomes seja por meio do Isso, da linguagem do Isso. Aqui não seria um Deus com quem se fala, mas sim um Deus que se fala sobre, um ser organizado e delimitado segundo o pensamento humano; categorizado em sua essência e exaltado por suas obras.

De certa forma, esse Deus categorizado não atinge àqueles que o abominam por causa de suas categorizações e definições. Se ao invoca-lo estiverem fazendo referência ao Tu de sua vida na interioridade de seu ser, eles também estarão dirigindo-se ao Tu eterno.

2.1 O encontro supremo

Buber reconhece que do evento da relação se tem somente o conhecimento da nossa parte do caminho. Isso significa dizer que o homem precisa reconhecer seu caminho para Deus enquanto responsabilidade pessoal. Só de sua parte do caminho ele tem conhecimento porque a vivenciou. Da outra parte ele só saberá no encontro. “Quando, seguindo nosso caminho, encontramos um homem que, seguindo o seu caminho, vem ao nosso encontro, temos conhecimento somente da nossa parte do caminho, e não da sua, pois esta vivenciamos no encontro”⁴.

O conhecimento da outra parte, ou seja, do outro que vem ao nosso encontro, só acontece por meio do encontro. Aqui não caberá uma preocupação exagerada do homem quanto ao fato de como esse encontro se dará, ou a partir de que meios ou fenômenos ele se efetivará. O homem deverá orientar sua vontade para o encontro, colocando-se em uma atitude de abertura para que o encontro aconteça. Nesse caso, o homem não deve se ocupar com a graça, esperando que o encontro aconteça mediado por ela, tornando-se para ele um objeto; e sim colocando-se a caminho enquanto possibilidade de encontrar.

Na efetividade do encontro, o Tu se apresenta a mim e eu imediatamente entro em relação com ele. É uma ação do ser em totalidade que envolve a mutualidade entre ser escolhido e escolher, passividade e atividade. O homem que atingiu a totalidade pode estar preparado para o encontro supremo, pois converteu-se num ser inteiro que aboliu de si as parciais, as fixações em particularidades que o impediam de ir ao encontro. A

³ BUBER, Eu e Tu, p.99.

⁴ BUBER, Eu e Tu, p. 100.

partir deste fato, suprime-se aqui todas as ações parciais e todas as sensações de ação. O homem é agora uma totalidade atuante. “Ter conquistado a firmeza nesta disposição, significa estar preparado para o encontro supremo”⁵.

Para que o encontro supremo aconteça o homem não tem que se despojar do mundo sensível como se fosse um mundo de aparência. Acreditar que para o encontro supremo se deva abandonar o mundo é compreender que se poderia estar incorrendo mais uma vez na linguagem do Isso. O que existe verdadeiramente é o mundo que em sua existência se revela duplo por causa da duplicidade de nossa atitude. A experiência do encontro supremo deve acontecer neste mundo e não em outro. O que se torna imperativo neste momento é a aceitação da presença.

Se se cogitar o fato de que o encontro deva ser mediado por técnicas, prescrições, preparação, práticas ou meditações; esses não serão elementos de um encontro simples e genuíno, mas um amontoado de informações que nos encaminham para o mundo do Isso. Todos esses elementos são modos e linguagens do Isso.

No homem que se compreende separado e torna essa sua separação mais latente, a aceitação da presença implica um risco muito pesado para ele, pois acarreta uma perda do seu falso instinto de auto-afirmação, que o afugenta do mundo da relação e o aprisiona no ter das coisas. Este aprisionamento no ter das coisas torna a possibilidade de relação algo cada vez mais distante.

A total aceitação da presença é a forma como o homem sai do mundo separado em relação às coisas e pode se encaminhar para o encontro com o Tu Eterno. Nesse encontro com o Tu Eterno o Eu é elemento indispensável, pensamento este que contraria a renúncia do Eu presente no misticismo. Como o Eu se faz necessário a qualquer tipo de relação, ele também é indispensável quando se fala da relação mais elevada. Desse modo, participar da relação mais elevada requer uma conversão fundamental do homem.

Buber afirma que “Toda relação atual com um ser presente no mundo é exclusiva”⁶. Na relação com Deus, a exclusividade absoluta e inclusividade absoluta se identificam. Assim para o homem entrar na relação absoluta ele não precisa deixar de considerar as coisas, mas vê-las a partir do Tu, perceber que tudo vive sob sua luz. É parte desta relação dar fundamento ao mundo. Desse modo,

⁵ BUBER, Eu e Tu, p.100.

⁶ BUBER, Eu e Tu, p. 101.

[...] aquele que contempla o mundo em Deus, está na presença d'Ele. 'Aqui o mundo, lá Deus' tal é a linguagem do Isso; assim como 'Deus no mundo' é outra linguagem do Isso. Porém, nada abandonar, ao contrário, incluir tudo, o mundo na sua totalidade, no Tu, atribuir ao mundo o seu direito e sua verdade, não compreender nada fora de Deus mas apreender tudo nele, isso é a relação perfeita⁷.

Aquele homem que na totalidade do seu ser vai ao encontro de seu Tu e, por meio da santificação das coisas do mundo, lhe oferece todo ser do mundo, encontra Aquele que não há necessidade de procurar, pois “ele está aí” sem mediações. Ele é “o mistério da evidência que me é mais próximo do que o meu próprio Eu”⁸. E, a partir disto, santificar a vida do mundo é encontrar o Deus vivente. Para Buber, Deus é o totalmente Outro, o totalmente presente, o *mysterium tremendum*⁹.

O homem aspira atingir o Tu Eterno, pois ele já experimentou o sentido do Tu nas relações que estabelece ou mesmo na decepção de que esse Tu pode tornar-se um Isso. Este sentido de aspiração o direciona para um caminho, e que de alguma forma, ele deseja que este caminho seja o certo. Desse modo, cada evento de relação é uma antecipação da relação completa, já que cada esfera de relação em que o homem se estabelece o prepara para a relação completa; elas o prontificam para a relação mais elevada. “Ele vai pelo seu caminho estando pronto e não procurando; [...]”¹⁰.

Por estar pronto, o homem assume uma serenidade para com as coisas e o modo como se aproxima delas é uma forma de ajuda. Quando o homem encontra a relação completa não há um afastamento das coisas, e sim um reconhecimento do caminho que o fez chegar até ali. “Pois este achado não é o fim do caminho mas o seu eterno retorno”¹¹. Este achado nada mais é do que a descoberta daquilo que é primordial, originário.

O primordial é este sentido do Tu que não pode ser saciado até que se tenha encontrado com o Tu infinito, que já se presentificava no começo. O sentido do Tu se perde quando o homem em sua busca por Deus procura deduzi-lo das coisas. De certa forma, não há um dado do qual Ele pode ser deduzido, mas Deus é o existente diante do homem que, na sua imediatez, proximidade e duração, faz com que o homem possa se dirigir a Ele invocando-o, mas a quem não se pode convocar evocando-o. O homem pode assim relacionar-se com Deus, mas não pode deduzi-lo de um sentimento.

⁷ BUBER, Eu e Tu, p. 101-102.

⁸ *Idem.*

⁹ *Idem.*

¹⁰ *Idem.*

¹¹ BUBER, Eu e Tu, p.103.

2.2 A relação absoluta

Evidencia-se em alguns discursos da modernidade que o sentimento de dependência ou o sentimento de criatura é um elemento essencial na relação com Deus. Buber acredita que por mais que se deseje que este sentimento seja essencial, o sentimento tem por base uma escala. Esta escala tem lugar na tensão da polaridade, onde o sentimento não se concebe a partir de si mesmo, mas é condicionado pelo seu contrário.

Assim, a relação perfeita é concebida como uma *coincidentia oppositorum*, a união de sentimentos contrários. E para deixar claro esse posicionamento ele argumenta: “[...] sem dúvida na relação pura, tu te sentiste inteiramente dependente como nunca em alguma outra foste capaz de te sentir – e também inteiramente livre como nunca e em nenhum lugar: criatura e criador [...]”¹². A relação absoluta evidencia tanto a dependência quanto a liberdade.

Dessa dependência se efetiva que o homem necessita de Deus para a sua existência, como também, ao mesmo tempo, Deus tem necessidade do homem para o sentido da vida. O sentido da vida tem como centro a relação com o Tu Eterno. De modo que há um sentido divino para a existência do homem e o mundo é o lugar onde o destino divino pode se realizar. Desse encontro o homem pode afirmar: “A criação, ela se realiza em nós, ela penetra em nós pelo ardor, nos transforma pelo seu brilho, nós estremecemos, desvanecemos, submetemo-nos. Nós nos associamos a ela, encontramos nela o criador, nós nos oferecemos a ela como auxiliares e companheiros”¹³, como co-criadores.

Buber se utiliza de dois elementos para elucidar este ponto sobre a dependência. Num primeiro momento ele fala sobre a prece, esta compreendida como uma forma do homem atuar sobre Deus, sabendo que por meio dela o homem não exige nada de Deus: fala com Ele. Num segundo momento, o homem sabe que deve apresentar a Deus sua oferta ou ofertar-se ele mesmo a Deus. A prece e a oferta são possibilidades de o homem colocar-se diante da Face de Deus, na perspectiva de realização da palavra-primordial sagrada. Essa ação mútua em que se profere tu do lado do homem e do lado de Deus. Buber chama a atenção para o fato de não se confundir estes dois elementos com a magia. Para ele, a magia não entra em relação, mas é praticada como se efetivasse no vazio.

A possibilidade de se perceber a relação pura como um sentimento de dependência é destituí-la de sua atualidade, é menosprezar um dos participantes da relação e, por isso

¹² BUBER, Eu e Tu, p. 104.

¹³ *Idem*.

mesmo, menosprezar a realidade desta relação. Isto se dá também quando se considera como elemento essencial do ato religioso, a absorção e a descida no si mesmo, por vezes livrando o si mesmo de todo condicionamento do ego, ou considerando-o como o Único que pensa e que existe.

No primeiro tipo de consideração acredita-se que Deus venha integrar-se no ser que agora está livre do eu ou que este ser possa se realizar em Deus. Assim, a unificação do divino e do humano se faz. No segundo tipo de consideração, o ser livre do eu se coloca imediatamente em si mesmo como se fosse na Unidade divina. Tem-se aqui uma identificação do divino e do humano. Em ambos os casos a dualidade é abolida, acarretando com isso a impossibilidade de se dizer Tu.

Os dois tipos de consideração ocasionam o desaparecimento da relação, já que acreditam em um além fora do Eu e do Tu, da dualidade. No primeiro caso, a abolição do eu se dá por meio do êxtase, que faz com o eu se compreenda com o Ser Único. Já no segundo caso, a abolição do eu se dá pela contemplação do Si mesmo de um sujeito pensante, onde este Si mesmo se reconhece como o único que existe.

Esses dois tipos de considerações não levam em conta a atualidade. Deus e o homem formam o par indestrutível da atualidade. Eles são os suportes da relação primordial. A parte do caminho de Deus para o homem pode ser concretizada enquanto missão e mandamento; e por sua vez, a parte do caminho do homem para Deus se faz por meio da contemplação e da escuta. E no encontro dos dois acontecem o conhecimento e o amor.

Por vezes o caminho da mística confunde dois eventos onde se perde a consciência da atualidade. No primeiro evento a alma alcança a unidade. No segundo evento há uma percepção da dualidade que se torna unidade. Em ambos os casos a unificação não era unificação, mas sim um sentimento de unidade que não dura e nem pode durar.

Buber evidencia o fato de que a atualidade que aqui se quer chamar a atenção é esta do nosso momento cotidiano, que nos torna atuais para esta vida e, quem sabe, para nenhuma outra. “Para o homem este é o instante decisivo. Sem este, o homem não é apto para a obra do espírito”¹⁴. Neste nosso momento atual não há unidade do ser, mas somente ação que gera decisão. E é esta ação que dá força e profundidade para a atualidade. Só haverá atualidade interior quando existir ação mútua entre os parceiros. Em outras palavras, “A atualidade mais forte e profunda é aquela onde tudo se dirige à ação, o

¹⁴ BUBER, Eu e Tu, p.106.

homem na sua totalidade, sem reserva, e o Deus que tudo envolve, o Eu unificado e o Tu ilimitado”¹⁵.

O Eu unificado aqui é compreendido como o homem inteiro, integral. Na atualidade vivida a unificação da alma implica a concentração de forças em um núcleo, a iminência da decisão para o homem. Na atualidade tudo deve ser incluído e integrado, seja o instintivo que não pode ser considerado impuro, seja o sensível que não pode ser compreendido como algo superficial, ou mesmo o emotivo considerado em sua fugacidade. O homem se apresenta tal como é diante da Face na atualidade de seu momento existencial enquanto atualidade.

Na concretude da vida, o homem que dispensa sua relação com um objeto anula sua própria atualidade. A existência de um pensante em si pode aparecer-nos enquanto um conceito sem qualquer representação. Mas o que ele direciona ou indica não é algo que o homem possa viver. Desse modo,

No mistério contemplado, como na realidade vivida o que reina não é o ‘é assim’ nem o ‘não é assim’, não é nem o ser nem o não-ser, mas o assim-e-de-outro modo, o ser-e-o-não-ser, o indissolúvel. Apresentar-se indiviso em face do mistério indiviso é condição originária de salvação¹⁶.

Segundo Buber, toda doutrina da absorção encontra-se amparada na ideia ilusória de que o espírito humano existe no interior do homem. O espírito tem sua existência a partir do homem e entre o homem e o que não é homem. Quando o espírito perde o seu sentido de relação, e volta-se sobre si mesmo, ele é reduzido a uma ilusão psíquica.

O espírito está no mundo. Este mundo pode apresentar para mim enquanto representação, ou eu me apresento a ele enquanto coisa, e por isso mesmo nos incluímos mutuamente. O sentido do ser o mundo o leva em si. O sentido do ser é a própria mundanidade do mundo.

O nascimento e a abolição do mundo tornam-se acontecimentos que se solidarizam com a vida do homem. Cabe ao homem transformar a atitude de sua alma não enquanto uma virtualidade, e sim como uma realidade. Ou seja, o homem precisa atuar no mundo e, atuando, ele dá consistência ao mundo.

Somente aquele que crê no mundo pode ter algo a ver com o mundo. Se ele se arrisca nele, não permanece privado de Deus. Se amamos o mundo atual em

¹⁵ BUBER, Eu e Tu, p.108.

¹⁶ BUBER, Eu e Tu, p. 109.

todos os seus horrores, se ousamos enlaçá-lo com os braços de nosso espírito, então nossas mãos encontrarão as mãos que suportam o mundo¹⁷.

O homem que tem um conhecimento do mundo ou que sabe falar de uma vida no mundo separada de Deus, encontra-se contemplado pela linguagem do Isso. Mas o homem que vai com verdade ao encontro do mundo, encontra a Deus.

Deus envolve o universo mas não é o Universo; do mesmo modo Deus abarca o meu si-mesmo e não o é. Por causa deste querer inefável, posso dizer Tu em minha língua, como cada um pode proferi-lo na sua; em virtude deste querer, existe o Eu e o Tu, o diálogo, a língua, o espírito cujo ato originário é a linguagem, enfim, deste toda a eternidade, a Palavra¹⁸.

Nesse encontro com Deus, o homem deve estar consciente de que sua existência na presença é caracterizada por antinomia essenciais e insolúveis. Dessa forma, o sentido da situação religiosa do homem no mundo é que ele deve assumir todas as suas antinomias e viver de uma forma não determinada, mas sempre nova.

Do conhecimento dessas antinomias, o homem será lembrando de que cada Tu no mundo é necessariamente transformado em uma coisa para nós, pois haverá um Eu que o objetiva, ou em voltar-se ao estado de coisas quando deixa de participar da relação Eu-Tu. Somente um Tu não pode perder essa condição de Tu para nós, somente com ele se busca manter a atualidade enquanto latência. Pois, “Quem conhece Deus, conhece, sem dúvida, o distanciamento de Deus e o tormento da seca que ameaça o coração angustiado, mas não a ausência de presença”¹⁹. Deus continua presente para nós, talvez somos nós que não nos colocamos na presença e por isso nos esquecemos dele.

2.3 O eterno centro

Ao homem é lembrando que toda relação atual no mundo cobra a sua exclusividade. Essa exclusividade se encontra na individuação que possibilita o conhecimento mútuo daqueles que são diferentes. Como também, ele se recorda que toda relação no mundo se dá numa alternância de latência e atualidade.

Porém na relação com o Tu Eterno, a latência não é mais que a pausa da atualidade onde o Tu permanece presente. Ou seja, o homem não precisa buscar a Deus, pois ele não

¹⁷ BUBER, Eu e Tu, p. 112.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ BUBER, Eu e Tu, p.115.

precisa ser buscado. O homem precisa sim reconhecer a presença e, ao reconhecer a presença, atualizar a relação. O mundo do Tu possui sua coerência no centro onde as linhas prolongadas das relações se cortam: no Tu eterno²⁰. É característico de nossa natureza transportar o Tu eterno para o mundo e linguagem do Isso.

O processo de conversão do homem acontece quando este reconhece novamente o centro e decide voltar-se a ele. Todas as três esferas do mundo da relação estão incluídas neste centro, mas ele não está incluído em nenhuma. Uma vez que “através delas irradia-se uma presença única”²¹.

Da relação com a natureza o homem pode extrair o mundo físico. Da relação com os homens o homem pode extrair o mundo psíquico e a afetabilidade. Da relação com a vida espiritual se extrai o mundo noético. Estas esferas não podem ser desligadas da presença, pois assim elas perderiam sua transparência e sentido. Disso resulta que não pode existir Cosmos enquanto o homem não compreender o universo como uma morada sagrada. Não haverá amor enquanto os seres não se tornarem para o homem imagem do Eterno e a comunidade com eles tornar-se revelação. E por fim, não haverá Logos enquanto o homem não se colocar a serviço do espírito.

Todas essas portas se reúnem no portal da vida atual e é onde o encontro perfeito deve se realizar. Destas três esferas, a vida com os homens é a que se destaca porque ela é o espaço da palavra, seja por meio do discurso ou da réplica. Aqui a palavra encontra a sua resposta, pois uma palavra é dada e recebida e o Eu e o Tu tornam-se íntegros um para o outro. “Aqui, e somente aqui, há realmente o contemplar e o ser-contemplado, o reconhecer e o ser-reconhecido, o amar e o ser-amado”²².

Por se destacar das outras esferas, a vida com os homens é a entrada principal em cuja abertura estão incluídas as outras duas portas. “A relação com o ser humano é a verdadeira imagem da relação com Deus, na qual a verdadeira invocação participa da verdadeira resposta. Só na resposta de Deus tudo, o Todo se revela como uma linguagem”²³.

A relação com Deus implica necessariamente a solidão. Há contudo dois tipos de solidão: aquela que tem sentido segundo aquilo de que ela se afasta, e aquela que adquire sentido a partir daquilo que ela propõe. Segundo o critério que é aquilo que ela se afasta

²⁰ BUBER, Eu e Tu, p.116.

²¹ BUBER, Eu e Tu, p. 117.

²² *Idem.*

²³ BUBER, Eu e Tu, p. 118.

podem se efetivar dois modos. Um modo se determina pelo distanciamento daquilo que é experiência e utilização, e por isso se faz necessária para a relação suprema e as outras relações. E o outro modo é estabelecido pela ausência de relação. Aqui o homem permanece preso a alguns seres que ele precisa utilizar.

Por sua vez, seguindo o critério segundo aquilo que a solidão propõe, um primeiro modo seria que a solidão é o lugar onde se purifica para estar vinculado. E é para essa solidão que somos feitos. No outro modo, a solidão indicaria um fortalecimento da separação com os outros seres. Nele o homem conduz um diálogo consigo e não com Deus. Somente o homem do vínculo está preparado para o encontro com Deus, pois encontram-se em atualidade Deus e o homem.

Mesmo que o homem tenha a consciência de que Deus o envolva e habite nele, Deus jamais se tornará uma posse do homem. O diálogo com Deus acontecerá na medida em que nada mais falar em nós. Enquanto o homem estiver preso em suas considerações sobre Deus, o diálogo não acontecerá.

A efetividade do diálogo poderá se dar mediante uma conversão, ou seja, uma mudança que nos direciona para o vínculo. Para a compreensão de que não se pode dividir a vida entre uma relação atual com Deus e um contato inatural que demarca o mundo do Isso.

Aquele que só conhece o mundo como algo que se utiliza vai conhecer a Deus do mesmo modo. Sua prece é um modo de se desobrigar; ela cai no ouvido do nada. Tal homem é o homem sem Deus, e não o “ateu” que, do fundo da noite e da nostalgia da janela do seu quarto, invoca o inominado²⁴.

Tudo isso parece indicar que da parte de Deus houve uma intenção de criar um mundo aparente, e o homem que está instalado nele, um ser para a vertigem. Mas o homem que se apresenta diante da Face aproxima-se verdadeiramente do mundo e nutre ternura e afeição para com aqueles seres que estão presentes no mundo, ele pode dizer o Tu a todos os seres. Já que agora não existe uma tensão entre Deus e o mundo, só a atualidade. E a partir disso o homem pode agir.

Ao falar da revelação Buber tenta conceituar o que é o eterno. Para ele é algo que acontece no homem. Uma vez que o homem sai da relação pura, ele sai com algo mais, sai com um acréscimo. Esse acréscimo é algo sobre o qual ele não tinha conhecimento e

²⁴ BUBER, Eu e Tu, p. 120.

de cuja origem se lhe torna desconhecida. “A verdade é que recebemos algo que não possuíamos antes e o recebemos de tal modo que não sabemos que isto nos foi dado”²⁵.

O que o homem recebe é uma presença, uma força. Ele reconhece aí toda a plenitude da verdadeira reciprocidade, o fato de ser acolhido e de estar vinculado. A partir daí a vida do homem se torna mais pesada, porém esse peso é o sentido da vida. E este sentido precisa ser realizado nesta vida.

Cada homem pode examinar se o sentido recebido condiz com a unicidade de seu ser e de sua vida. A aceitação da presença torna-se exigência não só para ir para ele, mas também para sair dele. “Assim como se chega ao encontro com um simples Tu nos lábios, do mesmo modo, se é enviado ao mundo com o Tu nos lábios”²⁶.

A instância do mistério permanece como era. De alguma forma ele se tornou presente para o homem e sua presença é tal como uma salvação. O homem sente a salvação, contudo não a solução. Pois o que foi revelado diz respeito a um sujeito único e não deve ser compartilhado com outros. O que o homem pode fazer é verificar se o sentido de sua vida acontece, tornando-se para ele um dever absoluto. O homem está no mundo para desenvolver o que lhe está destinado.

Buber ao definir a revelação parece estabelecer uma profissão de fé. Ele a define como o presente aqui e agora. Por isso ele diz:

Não conheço nenhuma revelação e não creio em nenhuma que não seja, em seu fenômeno originário, semelhante a esta. Eu não acredito em uma auto-denominação ou em uma auto-definição de Deus diante do homem. A palavra da revelação é esta: “Eu sou presente como aquele que sou presente”. O que se revela é o que se revela. O ente está presente, nada mais. A fonte eterna de força brota, o eterno toque nos aguarda, a voz eterna ressoa, nada mais²⁷.

Assim, a presença é a própria revelação. Porém como transformar essa revelação em conteúdo, já que grande parte das religiões tem sua origem marcada por algum evento de revelação? Para Buber a resposta se dá porque o homem deseja ter a Deus constantemente no tempo e no espaço, e este desejo não se satisfaz com a relação perfeita. Não satisfeito com a alternância de latência e atualidade da habilidade humana de dizer Tu, o homem então faz de Deus um objeto de fé, já que o que diminui é a nossa força de relação não a presença.

²⁵ BUBER, Eu e Tu, p. 122.

²⁶ BUBER, Eu e Tu, p. 123.

²⁷ *Idem*.

O homem prefere a duração de um Isso em qualquer credo, e a segurança que, portanto este oferece mediante a crença, à insegurança da relação com o Tu. Assim mesmo deseja uma continuidade no espaço e no tempo da posse de Deus. Anseia que a comunidade dos fieis seja uma com seu Deus. Consequentemente Deus se torna assim no objeto de culto, que começa por complementar a relação com o Tu e termina por substituí-la.

Mas, na verdade, a relação pura não pode atingir a estabilidade espaciotemporal, senão na medida que ela se encarna na substância inteira da vida. Ela não pode ser preservada, só pode ser posta à prova na ação, ela só pode ser realizada, efetivada na vida. O homem só pode corresponder à relação com Deus, da qual ele se tornou participante, se ele, na medida de suas forças, à medida de cada dia, atualiza Deus no mundo. Aí reside a única certeza da continuidade. A verdadeira garantia da continuidade consiste no fato de que a relação pura pode realizar-se transformando os seres em TU, elevando-os ao TU, de modo que nele, ressoe a palavra-princípio sagrada²⁸.

A verdade por trás da ideia de continuidade é a certeza da atualização. O homem precisa atualizar Deus no mundo mediante as relações com o mundo criando a comunidade. “[...] a garantia autêntica de estabilidade no espaço, consiste no fato de que as relações dos homens com seu verdadeiro Tu, os raios que vão de todos os ‘Eus’ ao centro, formem um círculo. Não é a periferia, isto é, a comunidade que é dada primeiro, mas os raios, a conformidade da relação com o centro”²⁹. O propósito do encontro com o Tu não é que nos ocupemos de Deus, mas para corroborar que haja um sentido divino no mundo.

Aproximando-nos de Deus nos distanciamos dele. Somente podemos instalar a Deus no reino das coisas como um Isso-Deus, e crer Nele e falar Dele como um Isso. O que parece uma atitude para a fonte primeira é de fato um movimento universal de distanciamento dela. E o que parece um distanciamento de Deus na parte de quem cumpre com sua missão no mundo é na realidade um movimento metacósmico para a fonte primeira.

Pois estes dois movimentos fundamentais, metacósmicos: a expansão para o próprio ser e a conversão para o vínculo, encontram sua mais alta forma humana, a verdadeira forma espiritual de seu confronto e de sua conciliação, de sua composição e separação na história do contato humano com Deus³⁰.

²⁸ BUBER, Eu e Tu, p.125.

²⁹ *Idem*.

³⁰ BUBER, Eu e Tu, p.126.

Na conversão, o Verbo – com o qual Buber provavelmente designa o Eu-Tu, nasce na terra. Conforme cresce e se expande, se converte na crisálida da religião. Em uma nova reversão adquire novas asas. As revelações que ocorreram na origem das grandes comunidades nada mais são do que eterna revelação. A revelação chega àquele que se revela tomando-o em sua totalidade, em todo o seu modo de ser e se liga a ele. Ela imprime no homem uma forma, e essa forma é a nova maneira de Deus estar no mundo. O mundo se torna, por meio da revelação, o lugar da teofania: “O que aqui atua não é mais o poder próprio do homem, também não é a pura passagem de Deus, é uma mistura de divino e humano”³¹.

Através das épocas da História, uma imagem emerge do mundo do espírito, e é continuamente elevada à forma de um Deus, ao qual nunca vemos sem o mundo, se não só nele, e por isso criamos eternamente a forma de Deus. Estas são formas de Tu e Isso. Na religião e no culto, estas formas podem cristalizar-se em objetos, mas em conformidade com a essência da relação essas formas devem tornar-se sempre presença. “Deus é próximo de suas formas, enquanto o homem não se afasta delas”³²; já que a essência da relação está viva neles.

Esta relação viva se mantém por meio da prece. Se a prece se transformar em mero palavreado repetido sem relação, ela se degenera. A prece pode degenerar-se até o ponto em que se lhe faz cada vez mais difícil pronunciar o Tu, já que ele pode ser encoberto pela objetividade. Quando isso acontece, a pessoa tem que sair de sua falsa segurança e arriscar-se à aventura do infinito. “O fato de a verdadeira prece permanecer viva nas religiões é o sinal de sua verdadeira vida; enquanto vivem nela, elas permanecem vivas”³³. A vivacidade das religiões se mantém quando no interior destas é permitido ao homem falar com Deus. Esse seu falar não é algo decorado, mas sim algo que surge da profundidade de seu autoconhecimento e que se coloca diante da Face. A vida diante da Face é a vida da atualidade, cujo objetivo verdadeiro é aquele que realmente é.

Aquele que realmente é está presente na vida como Palavra. Esta está presente na revelação como ação na vida da forma. Quando a Palavra está presente ela tem a capacidade de renovar o contado do Eu e do mundo. Por sua vez, quando ela está mais ativa há uma predominância maior de acordo entre o Eu e o mundo. Porém, a Palavra tem seu valor nos momentos de desatualização do Eu e do mundo, a partir dos quais a

³¹ BUBER, Eu e Tu, p. 127.

³² *Idem.*

³³ *Idem.*

fatalidade se apresenta cada vez mais opressora e a conversão mais devastadora diante do silêncio preparador.

Este silêncio prepara o homem para o caminho. Ele não é um caminho circular, mas é o caminho. Neste caminho, “[...] a teofania se torna cada vez mais próxima, ela se aproxima sempre mais da esfera entre seres, se aproxima do reino que se oculta no meio de nós, no entre”³⁴. Para Buber é na história que acontece essa aproximação que ele chama de misteriosa. O mistério se aproxima de nós seja quando somos conduzidos a uma perdição mais profunda, ou mesmo, quando somos conduzidos a uma conversão às origens. Esse evento por parte do mundo é chamado de conversão e por parte de Deus, de redenção. A conversão do homem no mundo é o voltar-se para a redenção no Tu eterno.

³⁴ BUBER, Eu e Tu, p.128.

3 O PROGRESSIVO CRESCIMENTO DO MUNDO DO ISSO

Para Buber, tanto na história do gênero humano quanto na história do indivíduo, se verifica um considerável e progressivo aumento do mundo do Isso. Ao se utilizar de um olhar retroativo para a história das civilizações e seu desenvolvimento, se poderá verificar que, mesmo aquelas que se encontravam diante de uma penumbra de primitividade, e este estado era um aspecto comum para muitas destas civilizações; havia uma vida organizada a partir de um pequeno mundo de objetos. Assim, a vida do indivíduo e seus desdobramentos estão intrinsecamente relacionados à vida de cada civilização da qual ele participa. O pequeno mundo de objetos de uma civilização é assumido inteiramente pelos indivíduos que a compõem

Esse pequeno mundo de objetos poderá ser transmitido para outras civilizações com as quais se terá contato, reorganizando-se e tornando-se adequado para a civilização a qual será incorporado, ou mesmo, permanecendo como artefato que relembra os elementos fundadores da civilização anterior. Segundo Buber, ao se observar a história das civilizações, se perceberá que “[...] aquelas que receberam historicamente a influência de outras civilizações adotaram o seu mundo do Isso em um estado bem determinado, intermediário entre seu estado primitivo e seu estado de pleno desenvolvimento”¹; por meio de uma assimilação direta ou indireta.

O pleno estado de desenvolvimento do mundo do Isso pode ter acontecido tanto pela assimilação direta de civilizações contemporâneas, quanto pela assimilação indireta de civilizações passadas. O que significa que o aumento progressivo do mundo do Isso de uma determinada civilização não se dá somente pela organização e estruturação de seu mundo de objetos, mas acontece mediante a gradual contribuição do mundo de objetos de outras civilizações com as quais se teve contato.

“Pode-se dizer com isso que, em geral, o mundo do Isso de uma determinada civilização, é mais extenso do que o da precedente, e, apenas de algumas paradas e retrocessos aparentes, pode-se perceber claramente na história um aumento progressivo do mundo do Isso”². O que verdadeiramente amplia o mundo do Isso de uma determinada civilização, não são somente as realizações técnicas que a mesma desenvolve; mas concomitantemente, a excessiva produção de conhecimentos e técnicas da civilização para a qual aquela civilização irá se fundir. É somente por meio desse crescimento

¹ BUBER, Eu e Tu, p. 73.

² *Idem.*

progressivo que se realiza o desabrochamento decisivo de uma civilização e o seu poder de descoberta.

O homem tem contato com o mundo do Isso desde as origens de sua organização social, utiliza-se dele para equipar a vida humana, para que este lhe traga segurança. Esse mundo é constituído pela experiência e pela utilização, e o poder destas pode se ver aumentando na medida em que o mundo do Isso se encontra ampliado tanto pelo prolongamento de seus conhecimentos da natureza, quanto pela proporção de diferenças sociais e técnicas ali existentes. Não se leva em consideração neste momento a contribuição que o mundo do Tu pode ter oferecido para a formação e desabrochamento dessas civilizações.

Esta ampliação do mundo do Isso faz com que o homem possa substituir a experiência direta pela indireta, ou seja, pela aquisição de conhecimento. Aquilo que anteriormente se fazia mediante um contato, o fazer-se é agora substituído por um processo abstrato. Com essa amplitude do mundo do Isso o poder de utilização do homem pode se retrair transformando-se em aplicação especializada. Há uma retração do poder de utilização, mas, o que não quer dizer que se saiu do mundo do Isso. O Isso continua presente quanto mais a vida do homem se organiza e se fundamenta somente por meio de experiências.

Todo este panorama serve para apontar para aquilo que hoje se conceitua como o desenvolvimento progressivo da vida espiritual - a vida do homem moderno -, que supervaloriza o desenvolvimento da técnica e de seus artefatos em detrimento do desenvolvimento humano. Os artefatos substituem a experiência de vida, ou mesmo, tornam-se eles a única recorrência do que se pode viver. E isso Buber considera como o verdadeiro pecado verbal contra o Espírito:

Com isso, com efeito, a gente se torna culpado do verdadeiro pecado verbal contra o Espírito; pois esta “vida espiritual” representa geralmente um obstáculo para uma vida do homem no Espírito; ela é, quando muito, a matéria que, depois de vencida e modelada, a vida do Espírito deve consumir. É um obstáculo, pois a capacidade de experimentação e de utilização se desenvolve no homem frequentemente em detrimento de sua força de relação, único poder, aliás, que permite viver no Espírito³.

A vida do homem moderno deixa-se obstaculizar quando ele se fixa unicamente em seu poder de experimentação e utilização, esquecendo-se do que é a verdadeira vida:

³ BUBER, Eu e Tu, p. 74.

aquela para a qual ele deve responder. O homem moderno se encontra envolto e por vezes perdido no mundo do Isso, diminuindo consideravelmente seu poder de relação, no qual deixa de responder ao espírito, pois “O espírito em sua manifestação humana é a resposta do homem ao seu Tu”⁴. O homem para de responder àquilo que lhe é vital e se direciona para os objetos e seu desenvolvimento. Não se está afirmando aqui que não se deva compreender a vida rodeada e preenchida pelo mundo do Isso, mas que ele não deve ser a única paragem do desenvolvimento humano. Mundo humano e mundo da técnica devem caminhar concomitantemente.

3.1 O dinamismo da vida espiritual

Para Buber, o espírito é um, é palavra. Ele é o espaço entre o Eu e o Tu, o espaço de diálogo; e por isso mesmo não está atrelado a um Eu. Para certificar-se disso, Buber afirma: “[...] não é a linguagem que se encontra no homem, mas o homem se encontra na linguagem e fala do seio da linguagem [...]”⁵. Para se compreender essa relação tão imbricada se faz uma comparação entre o espírito e o ar que se respira. Ele não é o que está em mim, nem o que está em ti. Ele é esse elemento que circula a relação e a completa: ele é o entre.

Somente o homem que vive no Espírito é capaz de responder a seu Tu, e é por meio deste poder de relação que o homem vive no espírito. Ele vive no espírito quando entra com todo o seu ser para o fenômeno da relação. Mas, como já é esperado, a fatalidade do fenômeno da relação acontece. Depara-se nesse momento com a grande melancolia e grandeza do existir humano: aquilo que outrora se mostrava enquanto um Tu em perspectiva, é reduzido a um objeto e adentra ao mundo do Isso.

O silêncio é o espaço onde o Tu tem a sua liberdade. Lá ele se apresenta enquanto espera pela palavra formulada, que não se diferenciou e que é pré-verbal. O silêncio é esse espaço onde o espírito está presente, mas não se manifesta. Ele é aquele estado em que o Tu se mantém em latência aguardando ser palavra formulada.

Quando a palavra formulada se torna efetiva, ela exige uma resposta. De um lado ela leva o homem a deparar-se com a sua melancolia, após um evento de relação, o Tu será direcionado para um Isso. Por outro lado, toda possibilidade de resposta que surge entre os seres vivos pode se transformar em conhecimento, obra, imagem e modelo.

⁴ BUBER, Eu e Tu, p. 74.

⁵ *Idem.*

Toda relação no mundo que foi condicionada a se transformar em Isso, recebe como destino o fato de transformar-se continuamente. Passar da relação Eu-Tu para a relação Eu-Isso não é algo fixado, mas um processo no qual o espírito torna explícito ao homem a atitude da qual ele deve participar. Ou seja, “[...] o objeto deve consumir-se para se tornar presença, retornar ao elemento de onde veio para ser visto e vivido pelo homem como presente”⁶. Diante disso, o homem deveria estabelecer uma nova postura diante dos seres, pois solicitado pelo espírito, se torna compreensível para ele que a realidade que circunda a vida humana é constituída de presença: os objetos, os seres são depositários dessa presença.

O homem quando se identifica com o mundo do Isso, reduz sua vida, em relação aos outros seres, a algo que precisa ser experimentado e utilizado, e faz com que este destino de retornar as coisas a uma situação de ser presente, fracasse. “[...] em lugar de liberar o que está ligado a este mundo ele o reprime; em lugar de contemplá-lo ele o observa, em lugar de acolhê-lo serve-se dele”⁷.

Essa dinâmica de alternância pode ser compreendida por meio dos exemplos do conhecimento e da arte. No primeiro, ainda na dinâmica do face-a-face, o ser se revela a quem o deseja conhecer. Sua comunicação se faz mediante o fenômeno, o acontecimento. Então, aquilo que outrora compreende-se como uma lei deduzida, foi anteriormente contemplado na particularidade do evento da relação. Passado esse evento, o ser que se nos apresenta é transformado em conhecimento conceitual.

Contudo, pode acontecer que mesmo incluído na forma de Isso o homem consiga extraí-lo deste mundo e transformar o conhecimento em algo atual e operante entre os homens. Ou quando o homem toma como Isso aquilo que se transformou em Isso e se serve dele para orientar-se no mundo. Aqui o homem se apodera de um conteúdo determinado de informações e diz: foi assim, foi assado. Tal aconteceu naquele tempo, tal se viverá no presente momento. Essa é uma forma de tornar o mundo mais seguro já que ele pode ser explicado, tudo dele pode ser deduzido; mas perde-se a espontaneidade da descoberta e das possibilidades de conhecimento que o mundo pode oferecer.

No segundo exemplo, ou seja, em relação a arte, é na contemplação de um face-a-face que a forma se revela ao artista. A imagem que já repousava nesse mundo dos homens atua no homem. A imagem procura quebrar o encanto que a separa do homem e vai ao seu encontro assumindo a forma por um instante atemporal. Após esse evento, o

⁶ BUBER, Eu e Tu, p. 75.

⁷ *Idem.*

homem a experimenta como aquilo que deve ser experimentado. Aquilo que outrora estava envolto na realidade da relação, caiu mais uma vez para o reino do Isso. A imagem pode fixar-se no mundo do Isso enquanto um conceito já formulado, e seus expectadores tornarem-se meros reprodutores de um palavreado que não quer dizer nada. Ou ela se abre para as várias possibilidades de ser, para o estabelecimento do vínculo com aquele que se coloca como seu expectador e que de sua contemplação receberá uma força.

Subsequentemente a estes dois exemplos, aparece o ato puro, a ação sem arbitrariedade, que se encontra em um âmbito acima do campo do conhecimento da arte. Este ato puro é algo que o homem leva consigo, não havendo necessidade de cinzelá-lo na matéria que não seja ele mesmo para torná-lo durável. “É aí que o Tu provindo de um profundo mistério aparece ao homem, lhe fala do seio das trevas e é aí que o homem lhe responde com sua vida”⁸. Nesse espaço o homem transforma a resposta ao Tu que veio do mistério mais profundo com a sua vida. Aquilo que ele pressentiu na relação transforma-se por meio da palavra em ensinamento e vida. O ensinamento e a vida são as circunstâncias necessárias para que o espírito não morra sobre a terra.

A palavra enquanto ensinamento permanece no mundo para instruí-lo, não enquanto um amontoado de prescrições e dizeres, e sim para indicar de que modo se vive no espírito, diante do Tu. Por isso, a palavra está prontamente aguardando o homem para tornar-se para ele um Tu ou para abrir diante dele o mundo do Tu. Ou quando ela ainda não está em prontidão, ela se dirige para o homem e o interpela, ficando como que em perspectiva.

Porém, o homem moderno torna-se indiferente a palavra que gera vida. Ele está bem assegurado por aqueles conhecimentos que foram construídos durante o desenvolvimento da história e estão impregnados de passado. Esta seguridade dada pelos conhecimentos faz com que ele vá aos poucos se esquecendo ou mesmo tornando-se incapaz de estabelecer o contato vivo, de atualizar a palavra. “Infeliz aquele que deixa de proferir a palavra-princípio, miserável, porém, aquele que em vez de fazê-lo diretamente utiliza um conceito ou um palavreado como se fosse seu nome”⁹.

⁸ BUBER, Eu e Tu, p.76.

⁹ BUBER, Eu e Tu, p. 59.

3.2 O aprimoramento da função de experimentar e utilizar na modernidade

Tomado pela palavra-primordial que fundamenta a relação, o homem sabe que aí não deve permanecer por muito tempo. Num primeiro momento, o espírito faz com que o homem se depare com os seres vivos que o circundam como seres que deveriam ser considerados pelo que são. Já em um outro momento, o poder de relação vai se esmaecendo no homem, e as funções de experimentação e utilização vão cada vez mais se aprimorando, fazendo com que este homem comece a perceber os seres ao seu redor como instrumentos submetidos à sua vontade. Esse esmaecimento do poder de relação faz com que o homem se encontre sob a palavra-primordial da separação. E a partir daí ele organiza sua vida com os outros homens considerada mediante duas zonas com limites bem determinados, apartando o Eu do Isso.

A primeira destas zonas é delimitada enquanto domínio do Isso. Nesse domínio estão incluídas as instituições enquanto espaço de exterioridades do homem. Nas instituições o homem se reúne com os outros para qualquer tipo de finalidades: trabalho, negócios, empreendimentos, religião. E o curso dos acontecimentos se dão de uma forma ordenada e aproximadamente correta dentro destas instituições.

A segunda zona é delimitada enquanto domínio do Eu. Neste domínio estão inclusos os sentimentos enquanto espaço de interioridade do homem, lugar onde se vive e, por sua vez, se descansa das instituições. Os sentimentos são um recinto fechado, com conteúdo bem variado e o espectro das emoções instiga o homem em sua interioridade.

A fronteira entre as duas zonas parece estar ameaçada, uma vez que “As instituições não geram vida pública, os sentimentos não criam a vida pessoal”¹⁰. Pois, ambos desconhecem a pessoa, a presença, a comunidade. E por sua vez, os sentimentos que são mais caprichosos adentram as instituições, nem sempre com a intenção de restabelecê-las.

Buber utiliza o exemplo do matrimônio como esse espaço da vida pessoal onde é difícil delimitar o que é espaço de vivência de um Eu, ou espaço de vivência de uma instituição. Neste sentido, o matrimônio enquanto uma instituição reconhece somente o modelo pré-estabelecido, aqui dois seres humanos se juntam para fundar uma vida que é estabelecida, cada um cumprindo o seu papel determinado. Neste mesmo espaço, que é permeado por sentimentos, estes podem direcionar uma vida de fugacidade,

¹⁰ BUBER, Eu e Tu, p. 78.

compreendendo que os sentimentos são apenas ilusões para as quais se olha na expectativa de corresponder às necessidades de cada um. Em alguns modelos de matrimônios a efetividade da união se coloca como aquilo que ainda não existe, como somente uma possibilidade.

Frente a possibilidade das instituições não produzirem vida pública, os homens poderiam renovar essas instituições por meio de uma comunidade de amor, de um espaço onde seja favorecido a vivência com o outro. Nessa comunidade de amor as pessoas se agrupam pela livre manifestação de um sentimento e pela resolução de viverem juntas.

[...] a verdadeira comunidade não nasce do fato de que as pessoas têm sentimentos umas para com as outras (embora ela não possa, na verdade, nascer sem isso), ela nasce de duas coisas: de estarem todos em relação viva e mútua com um centro vivo e de estarem unidos uns aos outros em uma relação viva e recíproca¹¹.

A relação viva e recíproca acarreta sentimentos, mas isto não significa que provenha deles, pois esta relação está fundamentada neste centro vivo e atuante. Os sentimentos, como dito anteriormente, são acessórios não fundamentais para esta vivência. “A comunidade edifica-se sobre a relação viva e recíproca, todavia, o verdadeiro construtor é o centro ativo e vivo”¹².

Para especificar melhor esse processo, Buber utiliza mais uma vez do exemplo do matrimônio como uma realidade onde essa relação viva e recíproca acontece. Não cabe a um dos parceiros no matrimônio buscar renová-lo, ele deve ser renovado em seu fundamento. O que fundamenta o matrimônio não é somente a existência dos parceiros, mas digamos assim, de um terceiro: o Tu central acolhido no presente. O verdadeiro fundamento do matrimônio é “o fato de que dois seres humanos se revelam o Tu um ao outro”¹³. É o Tu que não é o Eu para nenhum dos dois, que edifica o matrimônio. Este é o fato metafísico e metapsíquico do amor. Qualquer pessoa que deseje renovar ou mesmo abolir o matrimônio por outros meios e não por esse fundamento, terá seu empreendimento fadado ao fracasso. Esquecendo-se desse fundamento o homem tende a fruir a si mesmo mesmo no outro. O outro com quem se quer estabelecer contato não está presentificado para o homem, e este não se coloca em presença para aquele.

¹¹ BUBER, Eu e Tu, p.78.

¹² BUBER, Eu e Tu, p.79.

¹³ *Idem*.

A verdade tanto da vida pública quanto da vida pessoal é que elas são duas formas de ligação. Para que se compreenda isso é necessário que os sentimentos se apresentem como conteúdo mutáveis e que as instituições possam se apresentar como formas duráveis. Porém, o mais importante para que aconteça a vida humana, é o reconhecimento da presença central do Tu, presença essa que faz com que o Tu central seja acolhido no presente.

3.2.1 O estado e a economia

Para Buber¹⁴, a palavra-primordial Eu-Isso não tem em si nada de diabólico ou mal. O mal está no fato de que a matéria pretenda ser aquilo que existe, fazendo com que o homem se fixe em um dos modos de organização e deixe que seu Eu perca a atualidade.

Pensando na vida coletiva do homem moderno, pode-se cogitar que o Eu da experiência e da utilização se apresente nos âmbitos da economia e da política como soberania ilimitada. Essa soberania ilimitada, de uma certa forma, não é um mal em si, já que é ela que oferece as grandes criações objetivas deste século. É a partir disto que no movimento de grande produção tanto para o estadista como para o economista, que os homens com os quais eles têm que tratar são percebidos como núcleos de realizações e tendências, que serão avaliados e utilizados conforme suas especificidades; e não como homens portadores do Tu inacessível à experimentação.

Com esse cenário como pano de fundo, se poderia afirmar que as formas de trabalho e de propriedade na vida moderna estão cada vez mais distantes das formas de relações humanizadas. Essas formas se mantêm talvez, por uma preocupação de que se fossem humanizadas elas poderiam estancar o desenvolvimento acelerado que proporciona ao homem uma vida que pode ser multiplicada. Sabe-se que “nada mais há para herdar a não ser a tirania do Isso crescente sob o qual o Eu, cada vez mais incapaz de dominação, sonha ainda que é seu mestre”¹⁵. Os homens com os quais se deparam o estadista e o economista são compreendidos como a soma de Ele+Ele e não de Tu+Tu.

A vida coletiva do homem não pode, como ele mesmo, prescindir do mundo do Isso, sobre o qual paira a presença do Tu, como o espírito pairava sobre as águas. A vontade de utilização e a vontade de dominação do homem agem naturalmente e legitimamente enquanto permanecem ligadas à vontade humana de relação e sustentadas por ela. Não há má inclinação até o momento

¹⁴ Cf BUBER, Eu e Tu, p.79.

¹⁵ BUBER, Eu e Tu, p. 80.

em que ela se desliga do ser presente; a inclinação que está ligada ao ser presente e determinada por ele é o plasma da vida em comum, e a inclinação separada é sua destruição¹⁶.

A economia e o Estado participam da vida enquanto participam do espírito. Se eles renegarem o espírito, estão renegando também à própria vida. Desse modo é que as estruturas da vida humana em comum extraem a própria vida da plenitude da força da relação. E a partir daí, os economistas e estadistas tributários do espírito têm que tratar os homens com os quais tem algo a ver como portadores do Tu. É o espírito da vida que lhe inspira o limite. Ele realiza na vida em comum aquilo que o homem faz cotidianamente, colocar-se à prova do Isso.

O trabalho e a propriedade só podem ser resgatados pelo espírito.

Somente a presença do espírito pode infundir em todo trabalho, sentido e alegria, e, em toda propriedade, respeito e dedicação, não de um modo pleno, mas satisfatoriamente. Todo produto do trabalho, todo conteúdo da propriedade embora permaneçam no mundo do Isso ao qual pertencem, somente o espírito pode transfigurá-los em confrontadores e numa representação do Tu¹⁷.

A partir deste fato, torna-se importante que as instituições do Estado se tornem mais livres e as instituições da economia sejam mais justas. Neste sentido, a ação livre do espírito sobre a vida faz com que a compreensão sobre ele não se dê a partir de um em-si; mas sim como espírito do mundo porque tem a capacidade de penetrar no mundo e transformá-lo. Somente o espírito pode transformar essas instituições.

O espírito encontra-se consigo mesmo somente no face-a-face com o mundo. Este mundo é espaço de abertura para o espírito. Em sua doação para com o mundo, o espírito liberta e é libertado. Por meio da capacidade de dizer Tu, aquela espiritualidade que era considerada dispersa poderá realizar sua transformação na medida em que adentrar na essência do espírito.

3.3 Causalidade, destino e liberdade

O mundo do Isso apresenta-se como um reino absoluto da causalidade onde os fenômenos que aí estão circunscritos, sejam eles físicos ou psíquicos, são classificados como causados e causadores. Este reino que tem importância fundamental para a

¹⁶ BUBER, Eu e Tu, p. 80-81.

¹⁷ BUBER, Eu e Tu, p. 81.

racionalidade científica não atinge tão avassaladoramente o homem que se encontra no reino da relação, pois de algum modo o homem que outrora se via enlaçado pelas tramas e experiências do mundo do Isso, pode evadir-se para o mundo da relação: “Aí o Eu e o Tu se defrontam um com o outro livremente, numa ação recíproca que não está ligada a nenhuma causalidade e não possui dela o menor matiz; aqui o homem encontra a garantia da liberdade de seu ser e do Ser”¹⁸.

O homem que se encontra preso na dinâmica do Eu-Isso não pode tomar uma decisão por sua livre vontade. A decisão neste ponto está presa e determinada pelas causalidades que a acompanham. O que ele quer decidir já se escrito em algum lugar ou a partir das determinações da ciência.

Somente o homem que conhece a relação está apto para tomar uma decisão. “Aquele que toma uma decisão é livre, pois se apresenta diante da Face”¹⁹. Aquilo que lhe é solicitado na relação torna-se o pano de fundo de sua realidade existencial, ou seja, durante toda a sua existência lhe é requerido que ele decida, pois ele encontra-se num afluxo constante de solicitação e resposta. Ele, enquanto um homem preso ao seu instante existencial, percebe que a possibilidade de decisão lhe afeta profundamente, pois sua vontade aponta para vários caminhos, as potencialidades se aproximam dele, um ir além se apresenta e ele tem que colocar-se diante daquilo que lhe é mais pesaroso: seu ato.

Seu ato é uma decisão por si e pelo outro:

Pois a decisão não consiste em atualizar o um e deixar o outro estendido como massa extinta que, camada por camada, aviltaria a minha alma. Entretanto, somente aquele que orienta, no fazer do Um, a força do Outro, aquele que deixa entrar na atualização do escolhido a paixão intacta do que foi repudiado, somente aquele que “serve a Deus com o mau instinto” se decide e decide o acontecimento²⁰.

Isso é na compreensão de Buber o que ele chama de Justiça. A justiça está no fato de que o homem deve decidir. E decidir por si implica numa decisão para com o outro ou com o Outro. É a direção para a qual alguém se orienta e se decide. É um caminho. Se ele é o certo ou não, durante o caminho a decisão irá se esclarecendo.

Buber afirma que um aspecto demoníaco no homem seria nunca tomar uma decisão. Porque mesmo o Demônio, ele tomou uma decisão para com Deus. E ao tomar essa decisão delineou-se para ele um caminho e um propósito.

¹⁸ BUBER, Eu e Tu, p. 83.

¹⁹ *Idem.*

²⁰ *Idem.*

O homem que está na relação Eu e Tu não se sente oprimido pela causalidade, já que a liberdade é uma garantia. Garantia de escolher um dos modos e não fixar-se possessivamente em um deles. Exige-se dele uma não permanência e uma obrigação incessante. Ele tem conhecimento que sua vida mortal se organizará por meio dessa oscilação entre os dois modos de ser do homem, e ele sabe qual o sentido dessa oscilação: é o sentido de sua vida mortal.

O sentido e o destino desta vida humana é que ele pode sair do modo de existência Eu-Tu, já que aí ele não poderá permanecer por muito tempo, pois a região que necessariamente deve acessar que é o modo Eu-Isso. O Espírito acende nele a necessidade de confirmar a centelhas, retomar às coisas seu caráter de presença.

O que aqui se chama necessidade não o apavora, pois lá no santuário ele conheceu a verdadeira necessidade do homem: cumprir o seu destino. Destino e liberdade estão imbricados, já que o homem precisa atualizar sua liberdade para assim deparar-se com o seu destino.

Como é de se esperar, o destino não está delineado prontamente, cabe ao homem colocar-se a caminho e nesse caminho ele se deparará com o mistério. Mistério que se apresenta por causa da sua possibilidade de liberdade. Uma liberdade que não lhe traz certezas, mas sim sentido: “[...] liberdade e destino unem-se mutuamente para dar sentido [...]”²¹, e quando este sentido aparece o destino se torna mais concreto.

O homem que corre atrás dos ícones criados pelo fantasma da economia degenera e debilita a espiritualidade já que perde a capacidade de pronunciar o Tu. Ele ganha outra vez a capacidade de pronunciar o Tu mediante o exercício de sua liberdade. Somente quando nos colocamos diante de nossa liberdade é que encontramos o Destino, e somente quando enfrentamos a liberdade nos encontramos com o Destino:

Destino e liberdade juraram fidelidade mútua. Somente o homem que atualiza a liberdade encontra o destino. Quando eu descubro a ação que me requer, é aí, nesse movimento de minha liberdade que se me revela o mistério. Mas o mistério se revela a mim no fato não só quando não possa já realizar esta ação como eu pretendia, mas também até na própria resistência²².

²¹ BUBER, Eu e Tu, p. 74.

²² BUBER, Eu e Tu, p. 84.

É livre o homem que, deixando de lado todas as causas, toma sua decisão do fundo de seu ser, se despoja de todos seus bens e de suas roupas para apresentar-se nu diante do Rosto²³. A esse homem o destino lhe aparece como uma réplica de sua liberdade.

O Destino não é seu limite, senão o cumprimento. Liberdade e Destino enlaçados dão um sentido à vida. À luz desse ‘sentido’, o Destino, diante do olhar anteriormente tão severo, se suaviza a ponto de parecer-se à graça mesma²⁴. É a combinação responsável da liberdade e destino o que permite um enfrentamento real ante a vida.

Frente a descoberta de sentido, o homem que é portador da centelha transita pelo mundo do Isso sem que esse o determine, sem que este lhe ofereça uma causa. Isso pode ser visto em momentos da história humana, em épocas em que a vida é sã e a confiança se propaga e todos pressentiram a presença do Tu. Nesse momento, o espírito é para eles garantia.

Pode acontecer também que, em tempos mais sombrios, o mundo do Isso não consiga ser penetrado pela presença do Tu, tornando-se para o homem o único sustentáculo de sua vida. Aquilo que anteriormente o divertia enquanto possibilidades, agora se coloca como algo rígido e isolado, como se fosse a única realidade. E diante dessa única oportunidade, o homem se oprime. Essa opressão do homem se dará quando ele perceber que se encontra em um mundo de objetos que não podem mais retornar à presença. Então, aquilo que anteriormente era para ele somente uma alternância de modos apresenta-se como uma fatalidade opressora e esmagadora: o horizonte é determinado e os movimentos de atuação do homem são antecipados para dar segurança à sua ação.

Toda grande civilização tem seu início em um evento de relação, um ato essencial do espírito, uma resposta ao Tu. Este ato possibilita ao espírito a formulação de uma concepção particular de cosmos: “somente através deste ato é que o cosmos do homem se torna de novo possível”²⁵. O homem imbuído pelo sentido da relação procura dar um novo significado à comunidade humana: casa de Deus e casa humana.

Quando ele adentra como toda sua verdade individual para o evento da relação, ele se percebe livre e criador. Mas a liberdade e a criatividade que esta última inspira somente permanece enquanto a relação se repete na vida individual. Uma vez que a civilização deixa de centrar-se no ato repetitivo da relação, o homem se condensa em um mundo regido pela fatalidade, e, que só pode ser acordado de seu sono desolador por

²³ *Idem.*

²⁴ Cf. BUBER, *Eu e Tu*, p. 84.

²⁵ *Idem.*

algumas vozes eruptivas que lhe anunciam a saída. O retorno e a permanência no mundo do Isso são as únicas coisas que este homem vê como realidade.

No século XXI, a crença na fatalidade é mais arraigada que nunca. Neste século a ideia de destino se coloca como uma causalidade demoníaca. O que anteriormente era entendido como condições subsequentes dos eventos de relação, agora apresenta-se tiranicamente para o homem. O universo não se apresenta mais como morada, mas sim como um espaço que não gera movimento.

A possibilidade de saída deste ciclos determinantes e determinadores se dá somente quando o homem definir para si uma abertura a um novo evento de relação. Quando na realidade de sua vida concreta ele procura dar uma nova resposta ao seu Tu. E esta resposta é sempre nova diante das realidades que se apresentam.

3.4 Fatalidade e arbitrariedade

A história das civilizações não é um ciclo repetitivo e mortal, no qual todos executam o que seus antecessores fizeram. Ela é a resposta as exigências que o próprio tempo oferece. Cada século tem os traços, as situações, os eventos e as características que lhe dizem respeito. Esse é um caminho de declínios e ascensões. O homem que se reconhece neste turbilhão de possibilidades pode enxergar um caminho de ruptura.

Para Buber²⁶, tanto o pensamento biologista como historicista apontam para uma crença na fatalidade ensurdecadora. Há uma lei de sobrevivência, segundo a qual todos devemos lutar pela nossa própria sobrevivência; uma lei psicológica, a qual fala que a personalidade é formada pelos instintos naturais inatos; uma lei sociológica, na qual vontade e consciência são elementos acessórios de um processo social determinado; uma lei civilizacional, da qual se parte um ordenamento da cultura a partir de uma ideia de dever e de uma padronização de surgimento e declínios das estruturas históricas.

De algum modo, essas perspectivas de pensamento indicam que o homem encontra-se agarrado pela causalidade ilimitada. Sua vida humana está determinada por um destino do qual ele não participa ativamente, mas corresponde como se fora uma lei inscrita interiormente. É um dogma que não deixa lugar para a liberdade nem para a revelação. O que ele coloca ao homem é a prescrição e o cumprimento de regras e de

²⁶ Cf. BUBER, Eu e Tu, p.86.

dizeres. Impõe-se ao homem enquanto determinante, e deixando-lhe a impressão de que é livre em sua alma.

Porém, o homem que já realizou a ruptura com esse tipo de pensamento se coloca incomodado frente a essa realidade de determinação. Ela torna-se para ele a mais vergonhosa servidão pois o mesmo considera que: “a única coisa que pode vir a ser fatal ao homem, é crer na fatalidade, pois esta crença impede o movimento de conversão”²⁷.

Necessariamente há um critério de falseabilidade nesta crença na fatalidade, pois para esta crença a vida se organiza a partir de princípios que foram ordenadores de um passado ou de uma história que deixou de ser algo atuante e transformou-se em objetividade. O ser humano, suas vivências, as realidades de sua alma e de sua interação com o outro transformaram-se em conteúdo que serão repetidos por tantos outros. E a vida não se resume somente a isso.

A crença do homem em viver subjugado pelo mundo do Isso é parte dessa verdade que tantos apregoam como real. Porém, aqueles que se lembram da presença do Tu acreditam que essa profecia da objetividade não tem valor. Assim, “Aquele que na unidade do seu ser se dirige a ele, conhecerá profundamente a liberdade. E tornar-se livre significa libertar-se da crença na servidão”²⁸. Por este caminho, o mundo do Isso é tolhido ante aquele que o conhece em seu ser.

O homem livre é aquele que, sem a arrogância da arbitrariedade, sabe que tem que sair em busca de seu destino e enfrentá-lo com o ser inteiro. Sabe que o destino necessita dele, o busca e o escuta.

O homem livre é aquele cujo querer é isento de arbitrário. Ele crê na atualidade, isto é, ele acredita no vínculo real que une a dualidade real do Eu e do Tu, crê no destino e também que ela tem necessidade dele; ela não o conduz em inteiras, mas o espera; o homem deve ir ao seu encontro mas não sabe ainda onde ela está. O homem livre deve ir a ela com todo o seu ser, disso ele sabe. Não acontecerá aquilo que a sua resolução imagina, mas o que aconteceu, não acontecerá senão na medida em que ele resolver querer aquilo que ele pode querer²⁹.

A atualidade se apresenta a ele enquanto perspectiva, espera. Ela não é um conteúdo pronto que ele irá se apossar, mas é aquilo que sempre lhe possibilitará o encontro. O que o homem irá encontrar, ele ainda não sabe, porém ele se reconhece aberto

²⁷ BUBER, Eu e Tu, p.87.

²⁸ BUBER, Eu e Tu, p.87.

²⁹ BUBER, Eu e Tu, p.88.

para o encontro e o que nele ocorrerá. Ele sacrifica seu pequeno querer escravizado pelas coisas e instintos, e se direciona para um querer maior ao ir ao encontro ao seu destino.

O homem livre olha atentamente o caminho do ser no mundo. Seu destino para com ele é atualizá-lo, torná-lo presente. Isso não implica que agora o homem tenha um direcionamento determinado, fixado pelo encontro. O que lhe fica enquanto determinação é a abertura ao encontro do ser, seja através do espírito humano e do ato humano, da vida humana e da morte humana. O homem que crê na atualidade se oferece ao encontro.

Ao contrário, o homem que vive no arbitrário é aquele que vive sem crer, sem encontro. Ele não sabe da vinculação a não ser somente do mundo exterior e de sua necessidade de usá-lo. Não tem destino, somente está determinado pelas coisas e os instintos, e quando se submete a eles o faz com o arbitrário. O grande querer é substituído pelo arbitrário.

Incapaz de fazer sacrifícios, o homem condicionado pelo arbitrário continuamente intervém para deixar que as coisas se sucedam. Sua vida não está atenta aos significados, já que se forma de meios que não tem significado em si mesmo, e é assim que ele compreende também o homem livre. “Mas o homem arbitrário, incrédulo até a medula, não pode perceber senão incredibilidade e arbitrário, escolha de fins e invenção de meios. O seu mundo é privado de oferta e graça, de encontro e de presença, entravado nos fins e nos meios. Este mundo não pode ser diferente, o seu nome é fatalidade”³⁰.

Somente o Eu-Tu confere sentido ao mundo do Isso, já que a relação Eu-Tu é um fim que não é alcançável no tempo, contudo está ali desde o princípio, originando e provocando. A finalidade do homem livre e a realização desta finalidade não estão unidas apenas pelos meios, uma vez que no Eu-Tu o meio e o fim são um e o mesmo.

Quando Buber fala do homem livre como livre de causa, processo e autodefinição, não significa que o homem livre atua independentemente do que vem a ele do exterior. Ao contrário, é somente livre que o homem atua realmente em resposta aos eventos exteriores concretos. Só ele vê o que é novo e único em cada situação, já o homem arbitrário só vê reflexos de outras coisas e não se realiza ao ver os outros como pessoas reais, únicas e valiosas por si mesmas, senão em relação a seu status, sua utilidade ou sua similitude com outros indivíduos de seu passado.

³⁰ BUBER, Eu e Tu, p. 89.

3.5 O Eu do mundo

“A palavra Eu permanece o “*Shibboleth*” da humanidade”³¹. Ou seja, o Eu tem como garantia a consciência de si a partir da atualidade dos dois Eus, que se torna se sinal distinto. Estes modos fundamentam a relação que se determina por estar organizada a partir do evento que se dá entre o homem e o ser que o confronta. Quando se faz referência ao Eu se quer denotar aquele que toma partido na ação, que a mobiliza. Não é um Eu enquanto entidade separada, mas um Eu diferente que se estabelece na palavra-primordial.

Assim, o Eu da palavra-primordial Eu-Isso aparece como egótico e toma consciência de si como sujeito da experiência e da utilização. Esta consciência enquanto egótico aparece na medida em que se distingue dos demais. Ela é a forma espiritual da diferenciação natural. A finalidade da separação é o experienciar e o utilizar, cuja finalidade é a vida, ou seja, o contínuo morrer no decurso da vida humana.

Por sua vez, o Eu da palavra-primordial Eu-Tu aparece como pessoa e se concretiza como subjetividade. A pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas. É a forma espiritual do vínculo natural. A finalidade da relação é o seu próprio ser, o contato com o Tu. Pois no contato com cada Tu, toca-nos um sopro da vida eterna³².

O Eu da palavra-primordial Eu-Tu é atualidade, pois ele efetiva-se em uma ação da qual ele não tem poder, nem pode se apropriar. A atualidade é o acontecimento do qual o Eu participa. É um acontecimento que não está dentro do homem nem fora dele, simplesmente acontece. É uma passividade e atividade ao mesmo tempo: ser escolhido e escolher.

Por sua vez, o Eu da palavra-primordial Eu-Isso é objetividade, pois ele se atualiza enquanto separação. Este Eu tem consciência de sua separação, mas não perdeu a sua atualidade. A participação na atualidade continua para ele como em perspectiva, já que esta se conserva em potencialidade para o homem.

Assim se dá a constituição da subjetividade, o homem se compreende enquanto um Eu que estabelece vínculo e que se separa. E no seio deste dinamismo a autêntica subjetividade é compreendida: o Eu em sua verdade solitária. Aquele que participa do ser como pessoa, compreende-se como um ser-com, como ente; e diz Eu sou. Aquele que

³¹ BUBER, Eu e Tu, p. 95.

³² Cf. BUBER, Eu e Tu, p.90.

participa do ser como egótico, por sua vez, identifica-se como um ser que é assim e não de outro modo. É fixo. E diz: Eu sou assim.

Conhecer a si mesmo para a pessoa significa conhecer-se como ser, já para o egótico é conhecer-se como modo de ser. Aqui dá a entender que reconhecer-se como pessoa seria um atributo que dispensaria o caráter de ser específico de cada um. Não é isso que Buber quer afirmar. O que se quer afirmar é que o homem ao reconhecer-se como pessoa percebe que esta é sua forma necessária e significativa de ser³³; seu si-mesmo.

Por outro lado, o egótico se deleita com o seu modo de ser específico, que ele julga ser seu. Ele observa e admira uma manifestação efetiva de si mesmo que tem a capacidade de iludi-lo. Tal como acontece quando cada homem se afirma por aquilo que tem, que construiu, que se tornou. De certa forma, o homem olha e se realiza em irrealidades: “ocupa-se com o seu ‘meu’”³⁴.

Desse modo, toda vez que o homem aproxima-se dos outros, ele se aproxima do ser e se reconhece como tal. Já o homem que se distancia dos outros e reforça o seu modo de ser, distancia-se também do ser.

Pode acontecer em algumas épocas da história a erupção de um terceiro tipo de Eu, o Eu carente de atualidade. Este Eu ignora completamente a dimensão do Tu e está completamente submerso no que ele considera como sua causa. Seu vínculo extremo é com aquilo que ele considera como sua causa, todas as outras coisas são valores e com as quais ele não estabelece nenhuma reciprocidade, e por sua vez a palavra de ligação perde sua realidade: “é o Tu demoníaco, para o qual nenhum ente pode tornar-se um Tu”³⁵.

Esse terceiro tipo de Eu vê a si e aos outros como Isso. É comum que esse tipo de Eu apareça em grandes épocas que marcam o destino humano, principalmente aquelas que se elucidam pela utilização dos entes. Nestas épocas, os seres que permeiam esse mundo são considerados como máquinas efetivas das mais variadas realizações, e, por sua vez, isso justifica que os mesmos sejam utilizados e avaliados conforme os critérios que se julgam para o bem da causa.

Este Eu carente de atualidade não se percebe como um ser vivo, mas como um ser a partir do qual se pode falar; um ser que é compreendido por meio daquilo que ele quer confirmar e das ordens que ele estabelece para outros. Ele não está ali como uma pessoa encarnada, e sim como aquele que ele representa ser. “Este Eu, que ora emerge, não é

³³ Cf. BUBER, Eu e Tu, p. 91.

³⁴ BUBER, Eu e Tu, p.91.

³⁵ BUBER, Eu e Tu, p.94.

simplesmente sujeito, mas também não atinge a subjetividade³⁶. Este terceiro tipo de Eu é uma forma de o homem se alienar.

Por fim,

Homem algum é puramente pessoa, e nenhum é puramente egótico; nenhum é atual e nenhum é totalmente carente de atualidade. Cada um vive no seio de um duplo Eu. Há homens, entretanto, cuja dimensão de pessoa é tão determinante que se podem chamar de pessoas, e outros cuja dimensão de egotismo é tão preponderante que se pode atribuir-lhes o nome de egótico. Entre aqueles e estes se desenrola a verdadeira história³⁷.

³⁶ BUBER, Eu e Tu, p. 95.

³⁷ BUBER, Eu e Tu, p. 92.

CONCLUSÃO

No transcorrer do presente trabalho estudamos os diferentes modos de se constituir relação segundo a filosofia de Martin Buber, na qual percebemos temas da renovação interior, da ação, da unidade como caminho para a redenção da duplicidade. Em palavras buberianas, os dois modos de constituir a existência: Eu-Tu e Eu-Isso. Toda a sua gama de reflexão baseou-se no estabelecimento do verdadeiro encontro. Este por sua vez não se mostra somente direcionado ao próprio homem, mas também às outras instâncias de convivência: com a natureza, com os outros homens e com Deus.

A relação pode abranger as palavras-primordiais Eu-Tu e o Eu-Isso. No primeiro vê-se um pensamento voltado para as exigências da renovação da existência humana. Tais exigências podem ser traduzidas como (a) abertura para o mundo, (b) responsabilidade e (c) a vida ativa vivida sob colaboração, numa tarefa comum – o resgate do humano. E no segundo, a coisificação.

Na sua obra *Eu e Tu*, marco principal para o início de sua filosofia da relação, baseada na dimensão dialógica da existência, constata-se três argumentos sempre presentes em todas as suas outras obras: (a) o homem encontra Deus através do mundo; (b) o homem encontra o mundo através de Deus; (c) o homem encontra a si mesmo através de Deus e do mundo. Assim, o homem está diante de Deus não como diante de um ser transcendente, mas face-a-face, num movimento recíproco em direção ao outro.

A dificuldade principal analisada por *Eu e Tu* é a coisificação, operação por meio da qual eu reduzo o outro ao conjunto de suas determinações objetivas. Contrariando a este pensamento de deterioração do humano, Buber sugere a relação como reciprocidade, como fundamento da autoconsciência dada no verdadeiro diálogo. Ele afasta com isso as formas de diálogos surdos que se tornam tão presentes em uma sociedade voltada prioritariamente para a técnica.

Para a superação destes falsos diálogos que se instauram em nosso cotidiano, tornando o homem coisificado e objetivável, parece imprescindível “apontar” para um outro caminho, para a superação da subjugação do homem. Ou seja, constituir uma nova etapa da existência humana voltada e direcionada para a reciprocidade verdadeira e para a verdadeira presença do outro. Toda essa experiência de voltar-se para o outro e viver com ele na responsabilidade em comum pode ser um modo de concebermos a palavra amor.

Este trabalho apresentou o essencial da filosofia da relação de Martin Buber, da qual surge como reflexão central o homem em *relação-com*. Esta preposição *com*, presente em algumas linhas e em todas as entrelinhas do presente trabalho, deve ser traduzida como o modo de abertura do homem para os outros seres que constituem a realidade da vida. Todas as vezes em que este *com* apareceu estava implícita a ideia de existência confirmada, não solitariamente, mas com outros. Isso me faz afirmar que a filosofia de Buber é uma filosofia que interroga a respeito da vida humana, do seu existir cotidiano, com a natureza, com os outros e com o transcendente.

Buber me fez apresentar apenas alguns pontos de reflexão e não o estabelecimento de uma verdade comprovada. Dizendo com suas palavras, resta-me afirmar: “por aqui e por aqui deve-se começar, isto deve ser explicado, isto não explico ainda, isto não posso explicar satisfatoriamente, mas já posso indicar pistas; isto e aquilo são pontos de partida; por ali e por ali, eu ou outro devemos começar”¹. Que emane da leitura deste trabalho o Tu que nele se encontra presente, fundamentando e instaurando novas relações.

¹ BUBER, 1987, p. 12.

REFERÊNCIAS

BARTHOLO JÚNIOR, Roberto do Santos. *Você e eu: Martin Buber, presença palavra*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BARYLKO, Jaime. Martin Buber: sionismo e socialismo. Trad. Stella E. Meyer. In: *Herança Judaica 5738*. Nº 32. Vol. 18. Dezembro 1977.

BIALE, David. *Cabala e contra-história: Gershom Scholem*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOURETZ, Pierre. *Testemunhas do futuro: filosofia e messianismo*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BUBER, Martin. *Caminos de utopía*. Trad. J. Rovira Armengol, Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1955.

_____. *O socialismo utópico*. São Paulo: Perspectiva, 1971. (Coleção Debates, 31)

_____. *El humanismo hebreo y nuestro tiempo: antología de ensayos y discursos*. 2.ed. Buenos Aires: Porteñas, 1978a. v.1. (Escritos escogidos, 1)

_____. *Sionismo y universalidad: antología de ensayos y discursos*. 2.ed. Buenos Aires: Porteñas, 1978b. v.2. (Escritos escogidos, 2)

_____. *Sobre comunidade*. Seleção e introdução de Marcelo Dascal e Oscar Zimmermann. São Paulo: Perspectiva, 1987. (Coleção Debates, 203)

_____. *Encontro: fragmentos autobiográficos*: Trad. de Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Imagens do bem e do mal*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Histórias do rabi*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. *I and Thou*. Trad. Walter Kaufman. New York: Touchstone, 1996a.

_____. *The way of man: according to teaching of hasidism*. New York. Citadel Press, 1996b.

_____. *As histórias do rabi Nakham*. Trad. Fany Kon e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *Eu e Tu*. Trad. do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001a.

_____. *¿Qué es el hombre?* Trad. Eugenio Ímaz, México: Fondo de Cultura Económica, 2001b.

_____. *A lenda do Baal Schem*. Trad. Fany Kon e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2003. (Coleção Paralelos)

_____. *Eclipse de Deus: considerações sobre a relação entre religião e filosofia*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Campinas: Verus Editora, 2007.

_____. *O caminho do homem segundo o ensinamento chassídico*. Trad. Claudia Abeling; posfácio Albrecht Goes. São Paulo: É Realizações, 2011.

_____. *Do diálogo e do dialógico*. Trad. Marta Ekstein de Sousa Queiroz e Regina Weinberg. S. Paulo: Perspectiva, 2014a. (Coleção Debates, 158)

_____. *Eu e tu*. Prior Velho: Paulinas, 2014b. (Biblioteca indispensável).

CARDOSO, Delmar. Prefácio Encontrar-se e dialogar com Martin Buber. In: CARVALHO, José Mauricio de. *Martin Buber, a filosofia e outros escritos sobre o diálogo e a intersubjetividade*. São Paulo: FiloCzar, 2017.

CARVALHO, José Mauricio de. *Martin Buber, a filosofia e outros escritos sobre o diálogo e a intersubjetividade*. São Paulo: FiloCzar, 2017.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Coleção Debates, 50)

CROMBERG, Mônica Udler. *A crisálida da filosofia: a obra de eu e tu de Martin Buber ilustrada por sua base hassídica*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005.

DÍAZ, Carlos. *Introducion al pensamiento de Martin Buber*. Madrid. Instituto Emmanuel Mounier, 1990.

FALBEL, N; GUINSBURG, J (Org.). *Aspectos do hassidismo*. São Paulo: B'nai B'rith, 1971.

FONSECA FILHO, José de Souza. *Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora, 1980. 139p.

FRIEDMAN, Maurice. *Encuentro en el desfiladeiro: la vida de Martin Buber*. Trad. Daniel Zadunaisky. Buenos Aires: Grupo Editorial Planeta, 1993. Título original: Encounter on the Narrow Ridge: a life of Martin Buber.

GARCÍA-BARÓ, Miguel. *La compasión y la catástrofe: ensayos de pensamento judío*. Salamanca: Sigueme, 2007.

GILES, Thomas Ranson. Martin Buber. In: *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1975. vol. II. p.77-148.

GUINSBURG, J. *O judeu e a modernidade: súmula do pensamento judeu*. São Paulo: Perspectiva, 1970 (Judaica)

GUTTMANN, Julius. *A filosofia do judaísmo: a história da filosofia judaica desde os tempos bíblicos até Franz Rosenzweig*. São Paulo: Perspectiva, 2003. (Perspectivas)

LEONE, Alexandre. A mística judaica refletida na obra de Heschel. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Caminhos da mística*. São Paulo: Paulinas, 2012. (Religião e cultura)

- LÉVINAS, Emmanuel. *Martin Buber*. Roma: Castelvecchi, 2014. (Etcetera)
- MARTIN, Clancy. Existencialismo religioso. In: DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A (Org.). *Fenomenologia e existencialismo*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti, Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2012.
- MARTINS, Jasson da Silva. A relação intersubjetiva em Martin Buber. In: *Argumentos*. Ano 2, N°. 4 – 2010.
- OYAKAWA, Eduardo. *A espiritualidade da palavra: Martin Buber e Friedrich Holderlin*. São Paulo: Stilgraf Artes Gráficas e Editora, 2010.
- PALMER, Joy A. Martin Buber 1878-1965. In: *50 grandes educadores*. São Paulo: Contexto, 2005. p.289-294.
- SCHOLEM, Gershom. *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *O golem, Benjamin, Buber e outros justos: judaica I*. Seleção de textos: Haroldo de Campos e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1994. (Coleção Debates, 265)
- _____. *O nome de Deus, a teoria da linguagem e outros estudos da cabala e mística: judaica II*. São Paulo: Perspectiva, 1999. (Coleção Debates, 266)
- _____. *A cabala e seu simbolismo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Coleção Debates, 128)
- SIDEKUM, Antônio. *A intersubjetividade em Martin Buber*. Porto Alegre: EST/UCS, 1979. (Coleção Chronos, nº 29)
- SINDONI, Paola Ricci. Martin Buber (1878-1965): o sonho da existência unificada. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino. *Deus na filosofia do século XX*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998. p. 193-203.
- SOUZA, Vitor Chaves de. A religião do encontro: a ética de Martin Buber. *Revista Theos*. Campinas: 7ª Edição, v.6 – n. 02 – Dezembro de 2011.
- VERÍSSIMO, Luiz José. *A ética da reciprocidade: diálogo com Martin Buber*. Rio de Janeiro: Uapê, 2010.
- VON ZUBEN, Newton Aquiles. Introdução. In: BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. São Paulo: EDUSC, 2003. (Coleção Filosofia e política)
- _____. A questão do inter-humano: uma releitura de Eu e Tu de Martin Buber. In: *Síntese*. Belo Horizonte. 2008. v.35. n. 111. p. 87-110.
- ZIELINSKY, Izabel Bellini. *Labirinto dos encontros: Martin Buber e Fernando Pessoa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.